

Cemitério Paulo Freire

Ricard Huerta

Fátima Lambert

Amélia Lopes



QUASE GALERIA



Agradecimentos à Universidade do Porto, à FPCEUP Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, e ao CIIE Centro de Investigação e Intervenção Educativas, por ter promovido este projeto artístico, e sempre com a colaboração do grupo de investigação liderado pela professora Amélia Lopes (IDEAFor – Identidade, Democracia, Escola, Administração e Formação). A estadia de investigação recebeu apoio do Ministério das Universidades do Governo de Espanha, com a ref. PRX2200009



Meus sinceros agradecimentos a todos os alunos e professores da Universidade do Porto e do Politécnico do Porto que participaram do projeto com suas fotografias de cemitérios portugueses. A todas as pessoas que apoiaram o projeto, em especial a Leonel Morais, ao presidente Jorge Oliveira da Fundação Espaço T e a toda a equipa. E claro para Germán Navarro Espinach, sempre atento às atividades que lançamos. Seus bons conselhos transformam essas aventuras acadêmicas em desafios alcançados.

Direitos autorais dos textos, dos autores:

Amélia Lopes (Universidade do Porto, FPCEUP), Maria de Fátima Lambert (Politécnico do Porto, ESE), Ricard Huerta (Universitat de València), Sérgio Veludo Coelho (Politécnico do Porto, ESE), Henrique Vaz (Universidade do Porto, FPCEUP), Eunice Macedo (Universidade do Porto, FPCEUP), Ilda de Sousa (Universidade do Porto, FBAUP), António Fernando Silva (Politécnico do Porto, ESE), Paulo Nogueira (Universidade do Porto, FPCEUP)

Exposição Quase Galeria, Espaço T, Rua de Vilar 54, Porto, novembro-dezembro 2023

Curadoria da exposição Fátima Lambert

Coordenação de investigação académica Amélia Lopes

Colaboração:

FPCEUP Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

ESE Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto

Quase Galeria, Fundação Espaço T, Rua do Vilar 54, Porto

CREARI Grupo de Investigação em Pedagogias Culturais da Universitat de València (GIUV2013-103)

ISBN: 978-989-8471-53-6

Editor: CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, FPCEUP Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.



Creative Commons (CC)

Atribuição NãoComercial Sem Derivados / Reconhecimento-NoComercial-SenseDerivativeWorks (CC BY-NC-ND)

Este trabalho está sob uma licença de reconhecimento Creative Commons. NonCommercial-SenseDerivativeWorks 4.0 Internacional.

Índice

01. Cemitério Paulo Freire, o projeto	5
Amélia Lopes (Universidade do Porto)	
02. Patrimónios, memórias & lembranças – a propósito do projeto de investigação /criação de Ricard Huerta <i>Cemitério Paulo Freire</i>	7
Maria de Fátima Lambert (Politécnico do Porto)	
03. Cemitério Paulo Freire, homenagem a um pedagogo universal	14
Ricard Huerta (Universitat de València)	
04. O Eterno Maçónico no Cemitério da Lapa	39
Sérgio Veludo Coelho (Politécnico do Porto)	
05. Cemitério Paulo Freire: pensar a vida a partir da sua ausência	45
Henrique Vaz (Universidade do Porto)	
06. Caras e Caros Companheiros	47
Eunice Macedo (Universidade do Porto)	
07. Narrativas de cemitério	50
Ilda de Sousa (Universidade do Porto)	
08. A morte não é um bem. Os próprios deuses o sabem	52
António Fernando Silva (Politécnico do Porto)	
09. A morte é uma flor que uma só vez floresce	54
Paulo Nogueira (Universidade do Porto)	
10. Fotografias da montagem e inauguração da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria, Espaço T, Rua de Vilar 54, Porto	57
11. Fotografias e comentários de alunos e professores participantes	69

01. Cemitério Paulo Freire, o projeto

Amélia Lopes (Universidade do Porto)

Cemitério Paulo Freire. Eis um nome que desperta muitas perguntas, algum desconforto e uma grande curiosidade. Não chegava ser Cemitério, ainda é Cemitério Paulo Freire. O cemitério é para nós um lugar triste, onde infelizmente estão as nossas pessoas queridas e, claro, a morte, não merecendo por isso ser tornado lugar de vida e arte. Paulo Freire, entretanto, é sobretudo esperança e não morte. Mais, Paulo Freire não morrerá nunca.

Tudo isto é, realmente, verdade, e o processo e o produto do projeto de Ricard Huerta, traduzido na exposição *Cemitério Paulo Freire*, transforma exatamente esse lugar “sem palavras” numa multitude extraordinária de impressões afetivas, culturais, sociais e estéticas. É um trabalho multidisciplinar – apelando aos estudos do património, artísticos, pedagógicos, psicológicos, sociológicos e históricos - nos cemitérios existem culturas, classes sociais, histórias, enfim, uma imensa riqueza humana.

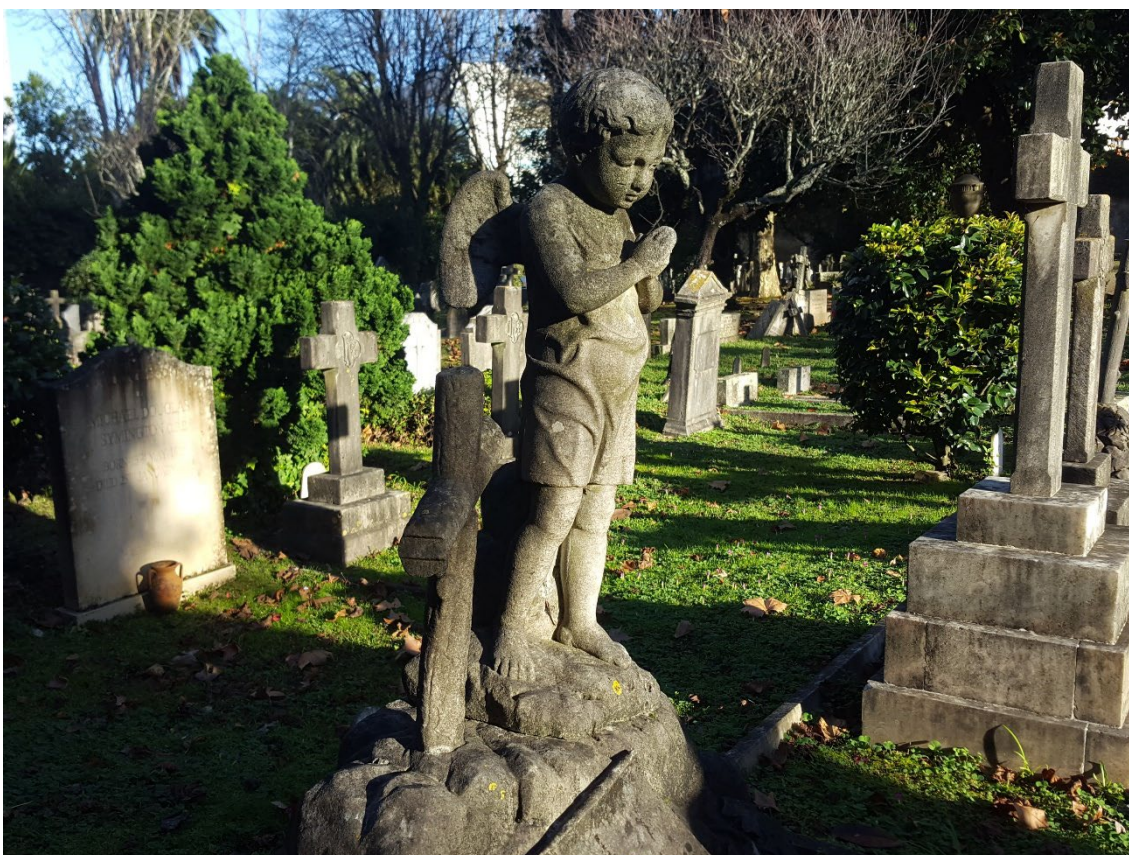


Figura 1. Cemitério de St. James ou Inglês, Porto.

Ter tido a honra de participar neste projeto e, nessa medida, ter mantido uma conversação regular com o seu autor sobre todas as experiências que tem realizado noutras cidades do mundo, foi uma experiência extraordinária. Para além de um grande artista e pedagogo, Ricard Huerta é um excelente observador e contador de experiências.

Mas existem ainda outros dois aspetos que me cativaram de forma especial neste projeto. Um deles foi o envolvimento dos estudantes, de licenciatura, mestrado e doutoramento; a admiração e a serenidade com que encararam a experiência; o desejo, quase necessidade, que mostraram de participar, refletir e visitar. O outro, foi a reconfiguração estética de todo o processo num produto singelo, mas pleno de exatidão, que dá todo o sentido ao título *Cemitério Paulo Freire*. Do cruzamento entre a reflexividade que as imagens da morte despertam e a mensagem freiriana sobre a morte, a desumanidade e o desespero, nasce a plena reivindicação da vida que nos comove.



Figura 2. Placa do marmoreador à entrada do cemitério do Prado do Repouso, Porto.

02. Patrimónios, memórias & lembranças – a propósito do projeto de investigação /criação de Ricard Huerta *Cemitério Paulo Freire*

Maria de Fátima Lambert (Politécnico do Porto)

A fruição estética suscitada pela visita a cemitérios é, decididamente, um caso da superior causa identitária, além de subjetiva. Uma caminhada estética num território – que convoca a ideia de além-tempo – impregna-se de noções categoriais a gerarem perplexidade em muitas comunidades. Todavia, a romagem, em datas assinaladas nos calendários laicos e/ou religiosos, perpassa gerações, ainda que adequando modelos e comportamentos vigentes, cumprindo crono-georreferenciações. Talvez, seja uma vivência tutelada mais por *Kairós* do que por *Kronos*, intercalada por *Aión*. A morte é o “momento oportuno”. A memória apropria-se das evidências psicoafectivas e sociais, elaborando individuações eivadas por configurações gregárias. As memórias pessoais cultivam-se nas flores, nas placas, nas fotografias que se veem nas campas; vislumbram-se na arquitetura dos jazigos e campas demarcadas; celebram-se na estatuária celebrativa de figuras destacadas por feitos diversos: históricos, intelectuais, políticos, um sem fim de motivos a memorizar, por certo. Os cemitérios cumprem propósitos distintos, hierarquizando-se pelas incorporações de artisticidade, significados politico-culturais e/ou patrimoniais. Parafraseando Jean-Michel Leniaud, os cemitérios são “Arquipélagos do Passado” (2002).



Figura 3. Foto: Maria de Fátima Lambert.

Confrontada com o projeto de investigação e criação de Ricard Huerta, sob designação *Cemitério Paulo Freire*, numa primeira aproximação, percorro os caminhos do tempo passado, plasmado em vozes psicoafectivas que convoquei. Em vez da fotografia dos Jazigos de Paranhos e de Agramonte, recuperei imagens fotográficas destacadas de álbuns fotográficos dos anos 30 do século passado, assim como provas de contato, guardadas em caixas e envelopes, tendo perdido os eixos de organização, resultado de tanto os ter manipulado, desde criança e até hoje.



Figura 4. “*parafraseando ‘pesos da história’...*” Foto: Maria de Fátima Lambert.

Pensando no título da exposição, que reúne registos pessoais / efetivos de cemitérios a existirem em cidades específicas, a convergirem no espaço de celebração *Cemitério Paulo Freire*, compilei estes olhares daqueles que, desde há décadas habitam os jazigos dos cemitérios atrás referidos. Penso na cidade, de ambos cemitérios: Paranhos e Agramonte, essa cidade que os meus Pais, Avôs, Bisavôs habitaram, em permanências e estadias, entrecortadas por travessias ao Brasil e pela Europa. A cidade do Porto - ainda que contemplando seus arredores pela costa afora até à Vilar do Paraíso, Miramar e Granja - é o denominador comum dessas gerações, numa continuidade que o destino interrompeu. Pensa-se uma cidade embrumada na humidade dos dias estacionados em janeiro, abril, maio e no Outono, quando mais se adentrava a densidade de memórias e celebrações. Vislumbram-se convivas e passeantes que, advindos de outros territórios se reuniam nas casas para conhecer parentes distantes e transitórios.



Figura 5. Foto: Maria de Fátima Lambert.

...O que foram os olhares desses estrangeiros [em casa], a lucidez da visão que não somente retida em literatura de viagens; aqueles que se identificam nas representações iconográficas dos *loci* designados, cartografando memórias e vivências díspares, paradoxais quase. Nem Lisboa, nem Porto foram destinos privilegiados nos séculos XVIII e XIX. Tampouco eram cobiçados por artistas que almejassem notoriedade e ascensão. Talvez, somente aqueles, cientes de sua qualidade identitária, encontrassem em Portugal motivos notáveis para a sua completude estética e poética.



Figura 6. Foto: Maria de Fátima Lambert.

...Os residentes no Porto - nas décadas de trinta e quarenta do século passado - deslocavam-se à Foz, Granja ou Ermesinde para aí residirem nas férias ou em mais breves trajetos de domingo e dias feriado para “ver as vistas” com olhar de quem não pertence ali. Havia quem fosse de autocarro, em carro próprio, motocicleta ou ainda a cavalo. Fotografavam-se em cenários reais que eram idealizados durante os dias, semanas que antecediam essas deslocações. Os locais viam o que é o Porto, na condição de olhar estrangeiro – de quem não pertence ali, mas visita.



Figura 7. Foto: Maria de Fátima Lambert.

Os relatos de episódios vividos e datados, as descrições de paisagens e/ou as narrativas introspectivas coadunavam-se à disponibilidade e capacidade em absorver elementos singulares. Similitudes, disparidades adentravam-se, configurando visões ficcionadas ou aproximadas a tudo aquilo que havia para conhecer em cidades ou no campo, em estado de estranheza lúcida. A identidade do artista estrangeiro regimentava tópicos que plasmavam uma observação rigorosa, servindo para se afastar da efetividade das coisas, ou pelo contrário, permitindo-se enfatizá-las.



Figura 8. Foto: Maria de Fátima Lambert.

Nem sempre os portugueses/portuenses tiveram, nem a noção, nem o interesse em abordar o seu quotidiano, nomeadamente em épocas críticas; tampouco valorizaram as características exclusivas do meio envolvente ou identificaram a pertinência do que fosse o seu *Zeitgeist*. Então, é preciso evocar-se alguns desses escritos, particularmente quando o escopo consistia numa análise fundada em exigências intelectuais significativas.



Figura 9. Foto: Maria de Fátima Lambert.

As visões, os olhares induziam a esse deleite estético, quer das pessoas locais, quer de estrangeiros. Assim sedimentavam a superfície, a pele da cidade, tanto quanto a consolidaram nas suas entranhas, subsumidas as matrizes simbólicas ou memoriais. Um aspeto que se afigura essencial, consiste no facto do “visitante” carregar na sua bagagem [material ou conceptual] - esse escopo fundamental: registar, documentar, representar locais que, por um lado ainda possa desconhecer, ou por outro lado, possa querer repetir nas suas lembranças. Em ambos casos, predomina a disponibilidade para os detetar, identificar, encontrar, destacando-os na cartografia, aparentemente densa ou filtrada, do desconhecimento.

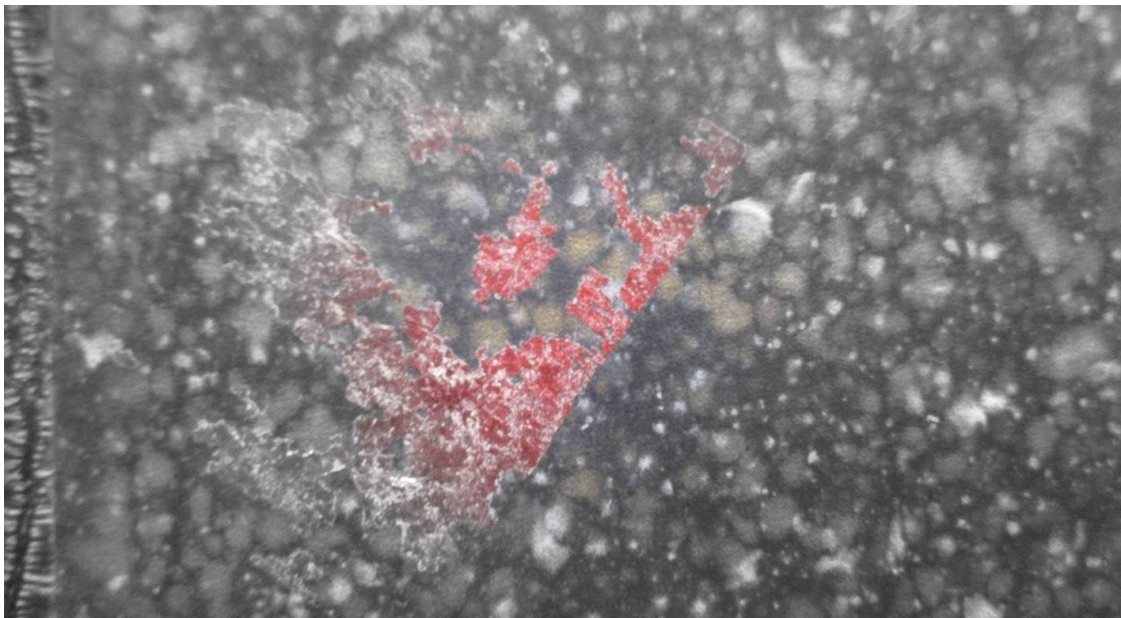


Figura 10. Foto: Maria de Fátima Lambert.

Ad libitum, percorri meandros de passado, instituindo um arquipélago pessoalizado, onde as ilhas são lembranças pequenas que povoam a imaterialidade das memórias.

A propósito do *Cemitério Paulo Freire*, e posicionando-me na distância das viagens, lembrei o cemitério da *Consolação* (onde com frequência passava, mas nunca entrei, quando vivi em São Paulo durante alguns meses); a visão sublime, ao aproximar Veneza no *vaporetto*, do cemitério de *San Michele* - alongado na linha do horizonte; a escalada

de arvoredo do Cemitério dos *Prazeres* (denominação admirável), ao avistar Lisboa. Consciencializei que os antepassados perdidos em Belém do Pará ou São Paulo, sedimentam o solo brasileiro, assim como os “inominados” que Samuel Beckett celebraria.

Entre projeto artístico, projeto de investigação, a identidade-pessoa-gregária atravessa-se, estimulando a cumplicidade entre territórios epistemológicos e estéticos, assim se comprovando a pregnância do ato criativo que Ricard Huerta tão bem sabe estimular.

Os cemitérios alongam a proximidade de lembranças e memórias, donde me ter permitido estabelecer itinerários “privados”, recuperando circunstâncias que, porventura, possam ser partilhados e aferidos a sentimentos e razões análogas, diferenciadas ou afins – partilháveis com outrem. E, a ideia de partilha humanista é, muito em particular, uma prerrogativa superior de Paulo Freire.

03. Cemitério Paulo Freire, homenagem a um pedagogo universal

Ricard Huerta (Universitat de València)

“Cemitério Paulo Freire” é uma proposta que assenta num projeto artístico e educativo em que se conjugam criação artística e educação artística, bem como literatura, neste caso a do grande pedagogo Paulo Freire. A iniciativa alia inovação e inclusão, numa perspectiva cultural, participativa e tecnológica. Os projetos de Ricard Huerta combinam inovação e inclusão, numa perspectiva cultural, participativa e tecnológica. Trata-se de reivindicar o cemitério como potencial espaço educativo, como lugar de memória, respeito, reflexão paciente e ambiente artístico excepcional, enquanto possibilidade de educação artística e de recuperação do património.

Reivindicamos a figura de Paulo Freire na sua perspetiva pedagógica, entendendo Freire como um ícone representativo da pedagogia crítica, mas também tendo em conta a sua presença universal, uma vez que a literatura e o conhecimento que promoveu com as suas obras são fonte de notícias constantes num nível mundial. A proposta reúne uma série de ações: exposição, conferências, transmissão interativa online, debates sobre arte e educação, educação patrimonial, visitas comentadas, ações participativas, e visibilização dos cemitérios de Portugal. Através das fotografias que os alunos e docentes da universidade nos enviaram, criamos uma imagem dos ambientes patrimoniais da morte em Portugal. E fizemos isso numa perspectiva pedagógica, artística e crítica. O património está muito presente nos cemitérios. Os cemitérios fazem parte da cidade e estão integrados a ela. Arquitetura, jardinagem e paisagem andam de mãos dadas nos espaços do cemitério.



Figura 11. Cemitério de Agramonte, Porto. Foto: Ricard Huerta.

A exposição Cemitério Paulo Freire é composta por três áreas distintas e complementares: a) a ação artística de Ricard Huerta; b) ação artística participativa com a contribuição de pessoas interessadas em participar (especialmente estudantes e docentes da universidade); c) intervenções online de divulgação do projeto artístico e educativo em que se conjugam a criação artística e a educação artística. Tudo isto organizado a partir da FPCEUP da Universidade do Porto, com o apoio da ESE do Instituto Politécnico do Porto.

a) Ação artística de Ricard Huerta.

As obras apresentadas pela artista unem-se para integrar e defender a ideia do cemitério como espaço artístico, de respeito, memória e recordação. O conjunto é composto por 21 fotografias ampliadas para 50x70cm, produzidas em papel fotográfico, em cores. São imagens de diferentes cemitérios ao redor do mundo. Junto às fotografias são apresentadas 21 pinturas sobre papel, medindo 42x29cm, baseadas em textos de Paulo Freire (textos que falam sobre a morte a partir dos seus livros). Completando esse triângulo está um vídeo de 3 minutos, que seria projetado em um monitor estrategicamente colocado ao lado das séries de fotografias e pinturas.

b) Ação artística participativa

Trata-se de reunir as contribuições de todas as pessoas interessadas em participar. Destina-se especialmente a grupos ligados à Universidade do Porto (alunos, docentes e funcionários de serviço), mas está aberto a todas as pessoas que queiram participar. Cada pessoa pode submeter uma fotografia de um cemitério em Portugal que lhe seja particularmente atrativo. Pode ser um detalhe (lápide, escultura, qualquer elemento curioso), mas também pode ser um panorama, ou alguma construção (mausoléu, nichos). A recepção será feita através de um formulário simples do Googleforms. Além da fotografia, é solicitado a cada participante um texto muito breve explicando o motivo da escolha. As fotografias são expostas reproduzidas em papel.

c) Intervenções online

Para divulgar o projeto “Cemitério Paulo Freire” em que se conjugam criação artística e educação artística, pretende-se gerar debates e atividades participativas na internet, através do envolvimento em redes sociais e outras plataformas interativas. Aproveitamos o envolvimento para resgatar o cemitério como espaço educativo, lugar de memória e respeito, como ambiente de reflexão do paciente.



Figura 12. Escultura no cemitério de Agramonte, Porto. Foto: Ricard Huerta.

A exposição e as restantes ações do projeto Cemitério Paulo Freire, onde se conjugam criação artística e educação artística, fazem parte de uma investigação universitária partilhada entre a Universidade do Porto e a Universidade de Valência. Como resultado dos contatos de profissionais de ambas as instituições, foram geradas reuniões e sinergias para finalizar a proposta. Para além do envolvimento académico universitário, o projeto articula-se com as atividades de outras instituições, o que é especialmente adequado para a realização de um projeto desta natureza. O apoio que se pode obter para a realização da exposição é fundamental. Colaboram com esta exposição a ESE Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e a Quase Galeria da Fundação Espaço T.

Entre os profissionais que aconselham e participam ativamente na criação do projeto Cemitério Paulo Freire, destacamos o envolvimento da Professora Amélia Peres (Universidade do Porto), e a colaboração de Fátima Lambert (IPP), responsável da curadoria. Professores e estudantes universitários são incentivados a participar, organizando conferências e incentivando a sua participação, que consiste inicialmente no envio de uma imagem e de um breve texto explicativo.



Figura 13. Escultura no cemitério de Agramonte, Porto. Foto: Ricard Huerta.

Intenções educativas e artísticas. A arte está presente nos espaços de respeito e memória que são os cemitérios. Do grupo de pesquisa CREARI estamos realizando um estudo significativo dos ambientes em que educamos, analisando os elementos que geram uma atração especial. Estudamos ambientes formais (salas de aula, centros educativos) e ambientes informais (museus, centros de arte), bem como espaços físicos (patrimoniais) ou virtuais (Internet). O potencial dos cemitérios como ambientes educativos assenta sobretudo no facto de serem espaços patrimoniais, com forte carga de memória colectiva. Por isso é necessário aproveitar este potencial, difundir a estima pelo património e, ao mesmo tempo, conseguir um maior respeito pelas gerações que tornaram possível a realidade atual.

A aparência e as características dos locais onde educamos e aprendemos ajudam a determinar quais os elementos que provocam situações de raízes patrimoniais. Por vezes, a falta de ajustamento entre os espaços tradicionais e as atuais urgências formativas também se observa quando vemos a falta de locais permeáveis que consigam realmente integrar as apostas mais ousadas e atrativas. Essa realidade observável em todos os espaços físicos e geográficos também se impõe nos ambientes dos cemitérios, que também possuem um aspecto virtual. Uma análise dos ambientes reais e dos mesmos ambientes na sua deriva digital oferecer-nos-á orientações a partir das quais iniciar as ações necessárias para poder reconhecer o valor da alteridade, de outras realidades, que muitas vezes permanecem ocultas.



Figura 14. Escultura no cemitério de Agramonte, Porto. Foto: Ricard Huerta.

Entre as possibilidades de divulgação das ações do projeto está a incorporação de atividades educativas nas redes sociais. Está também prevista uma visita à exposição para grupos de grupos diversos (oficinas de entidades culturais) que se interessem por questões de inovação educativa e promoção da cultura inclusiva. É fundamental proteger e divulgar os valores do cemitério como espaços de memória.



Figura 15. Pavilhão Municipal no Cemitério de Agramonte, Porto. Foto: Ricard Huerta.

Textos de Paulo Freire interpretados graficamente

Os temas da vida e da morte, bem como os da natureza e do amor, são recorrentes na obra escrita de Paulo Freire. Eles mostram a estreita relação que existe entre a trajetória de vida do personagem e sua criação literária. O tema da morte torna-se protagonista de alguns fragmentos de suas obras. Morte e dor que o pedagogo tenta superar através da memória da infância, da luta pela convivência e de sua visão particular da educação como estratégia de superação de conflitos. Algo que o leva a desenvolver um visual que conectou perfeitamente com públicos de todo o mundo. Algo que ainda está muito presente na pedagogia crítica atual. A seguir apresentamos alguns textos selecionados da literatura de Paulo Freire que fazem parte da exposição.

Do livro *Pedagogia do oprimido*

“A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria”

“O sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida”

“Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autômatos, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte”

“Os oprimidos que se ‘formam’ no amor à morte, que caracteriza o clima da opressão, devem encontrar, na sua luta, o caminho do amor à vida, que não está apenas no comer mais, se bem que implique também nele e dele não possa prescindir”

“A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida”

“O investigador da temática significativa que, em nome da objetividade científica, transforma o orgânico em inorgânico, o que está sendo no que é, o vivo no morto, teme a mudança. Teme a transformação. Vê nesta, que não nega, mas que não quer, não um anúncio de vida, mas um anúncio de morte, de deterioração. Quer conhecer a mudança, não para estimulá-la, para aprofundá-la, mas para freá-la”

“Mas, ao temer a mudança e ao tentar aprisionar a vida, ao reduzi-la a esquemas rígidos, ao fazer do povo objeto passivo de sua ação investigadora, ao ver na mudança o anúncio da morte, mata a vida e não pode esconder sua marca necrófila”

“Enquanto, no processo opressor, as elites vivem da ‘morte em vida’ dos oprimidos e só na relação vertical entre elas e eles se autenticam, no processo revolucionário, só há, um caminho para a autenticidade da liderança que emerge: ‘morrer’ para reviver através dos oprimidos e com eles”

“Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”. E a ‘morte em vida’ é exatamente a vida proibida de ser vida”

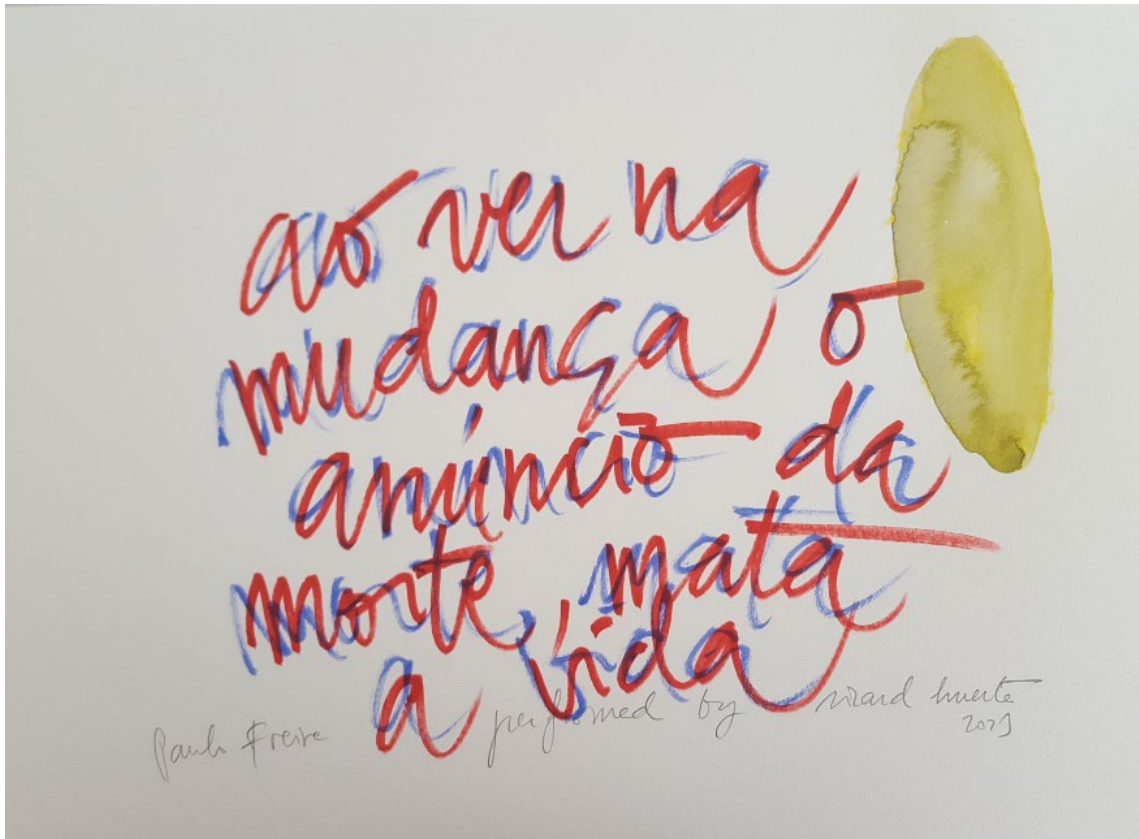


Figura 16. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

Do livro *Por uma pedagogia da pergunta*

“A eficiência política é melhor avaliada pelo grau de resposta das massas às exigências feitas pelos líderes políticos. Também a eficiência do educando está em que ele responda cada vez mais através das respostas dadas por aquele que é seu professor. Tudo isso resulta na morte do processo de conhecimento enquanto tal, na morte do processo político enquanto tal e na reprodução de uma sociedade de autoritarismo e elitismo, que constitui a negação da própria educação, do processo educativo”

Do livro *Pedagogia da esperança*.

“Muitos terão, possivelmente, sofrido, e não pouco, ao refazer sua leitura do mundo sob a força de nova percepção: a de que, na verdade, não era o destino, nem o fado nem a irremediável sina que explicavam sua impotência, como operário, em face do corpo vencido, esquelético, de sua companheira, à morte por falta de recursos”

“Foi esta a experiência que com Elza vivi e por causa da qual, no fundo, me foi possível predispor-me à recriação de mim mesmo sob os cuidados igualmente generosos, desprendidos e amorosos de outra mulher que, falando a mim e de nós escreveu, em excelente livro seu, ter chegado a mim para ‘reinventar das perdas’ – a dela, com a morte de Raúl, seu primeiro marido e a minha, com a de Elza – a vida, com amor”

“Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros”

“Por outro lado, afirma o UNICEF que, mantidas as atuais tendências, mais de 100 milhões de crianças morrerão de doenças e desnutrição na década de 90. As causas dessas mortes podem ser contadas nos dedos. Quase todas morrerão de doenças que foram em outros tempos bastante conhecidas nas nações industrializadas. Morrerão ressequidas pela desidratação, sufocadas pela pneumonia, infectadas pelo tétano ou pelo sarampo ou asfixiadas pela coqueluche. Estas cinco doenças muito comuns, todas relativamente fáceis e baratas de prevenir ou tratar, serão responsáveis por mais de dois terços das mortes infantis ou mais da metade de toda a desnutrição infantil na próxima década”

“Afirma ainda o relatório do UNICEF que para se colocar o problema em uma perspectiva global, os custos adicionais, incluindo um programa para evitar a grande maioria das mortes e a subnutrição infantil nos próximos anos, deverão atingir aproximadamente 2,5 bilhões de dólares por ano, no final da década de 90. É uma quantia semelhante, [diz o relatório atonitadamente] a que as companhias americanas vêm gastando anualmente para promover a venda de cigarros”

“Vez ou outra, tive a oportunidade, em Genebra ou fora de Genebra, de trabalhar em longos seminários com operários e acadêmicos, obviamente progressistas, em cuja posição espero que continuem hoje, para o que é preciso não se terem rendido à ideologia de quem decreta a morte das ideologias e de quem proclama que *sonhar* é uma forma de fugir do mundo e não de recriá-la”

“Voltaram para sua província – Morazón – para perto de onde tinham saído, mas substituindo o velho lugarejo marcado de sangue por outro ponto, onde entre matas e

ventos das montanhas pudessem construir um lugar de vida e não de morte. Assim surgiu Segundo Montes”

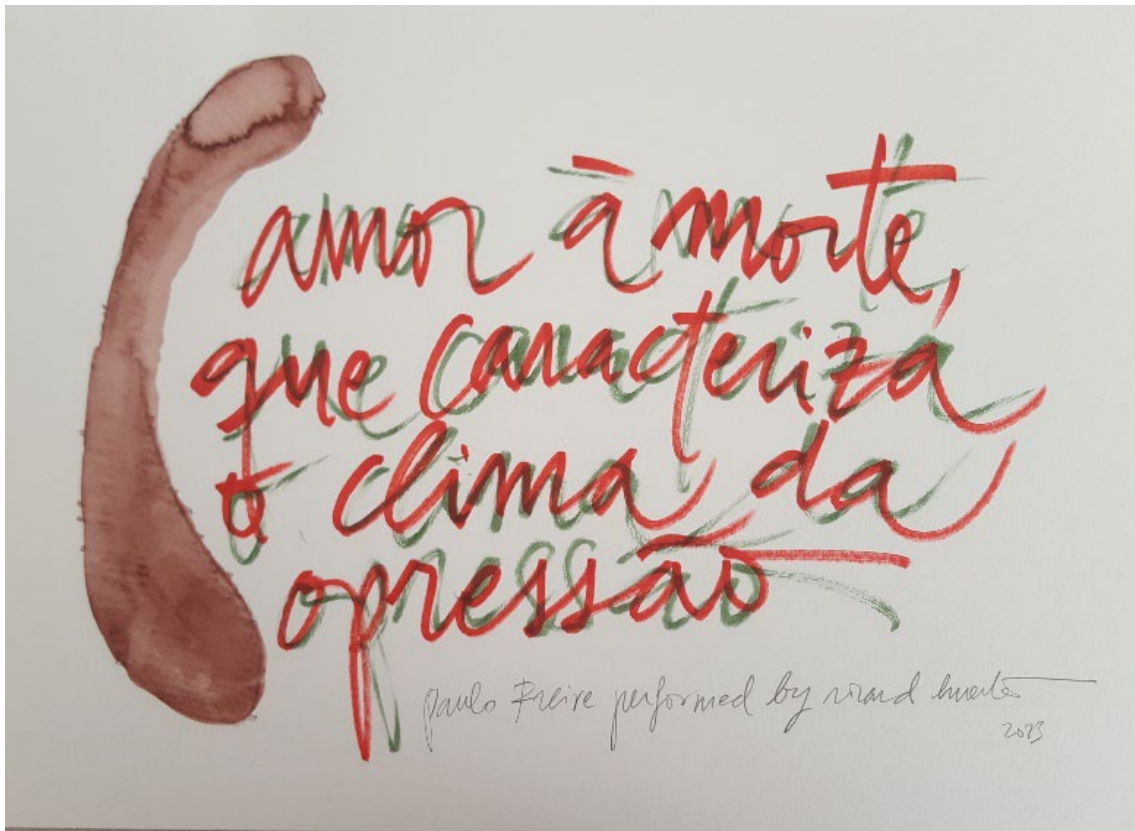


Figura 17. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

Do livro *Professora si, Tia não*

“Há ainda outro erro ou o risco de corrê-la: o de acreditarem na pós-modernidade reacionária segundo a qual, com a morte das ideologias, o desaparecimento das classes sociais, do sonho, da utopia, a administração da coisa pública é questão de pura técnica, desvinculada da política e da ideologia”

“Que as classes dominantes, acreditando nisto ou descrendo disto difundam a ideologia da morte das ideologias me parece comportamento ideológico próprio delas”

“É me dando plenamente à vida e não à morte – o que não significa, de um lado, negar a morte, de outro, mitificar a vida – que me entrego, disponibilmente, à *alegria de viver*. E

é a minha entrega à alegria de viver, sem que esconda a existência de razões para tristeza na vida, que me prepara para estimular e lutar pela alegria na escola”

“E é esse conhecimento crítico do contexto dos educandos que explica, mais do que a dramaticidade, a tragicidade com que vive um sem-número deles e delas. Tragicidade na qual convivem com a morte muito mais do que com a vida e em que a vida passa a ser quase puro pretexto para morrer”

“O que me parece que o novo tempo nos coloca é a morte do sectarismo mas a vida da radicalidade”

“Não podemos deixar de levar em consideração as condições materiais desfavoráveis que muitos alunos de escolas da periferia da cidade experimentam. A precariedade de suas habitações, a deficiência de sua alimentação, a falta em seu cotidiano de atividades de leitura da palavra, de estudo escolar, a convivência com a violência, com a morte de que se tornam quase sempre íntimos”

“A imobilidade no crescimento é enfermidade e morte”

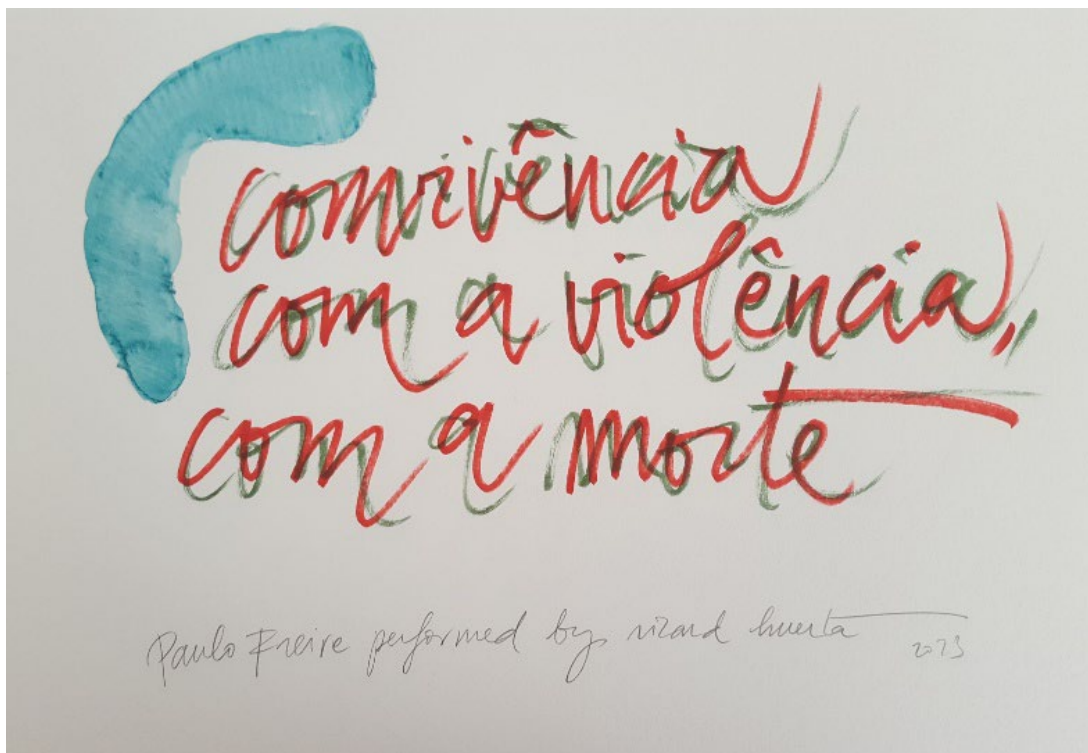


Figura 18. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

Série de pinturas de Ricard Huerta a partir de frases do pedagogo Paulo Freire relacionadas ao tema da morte

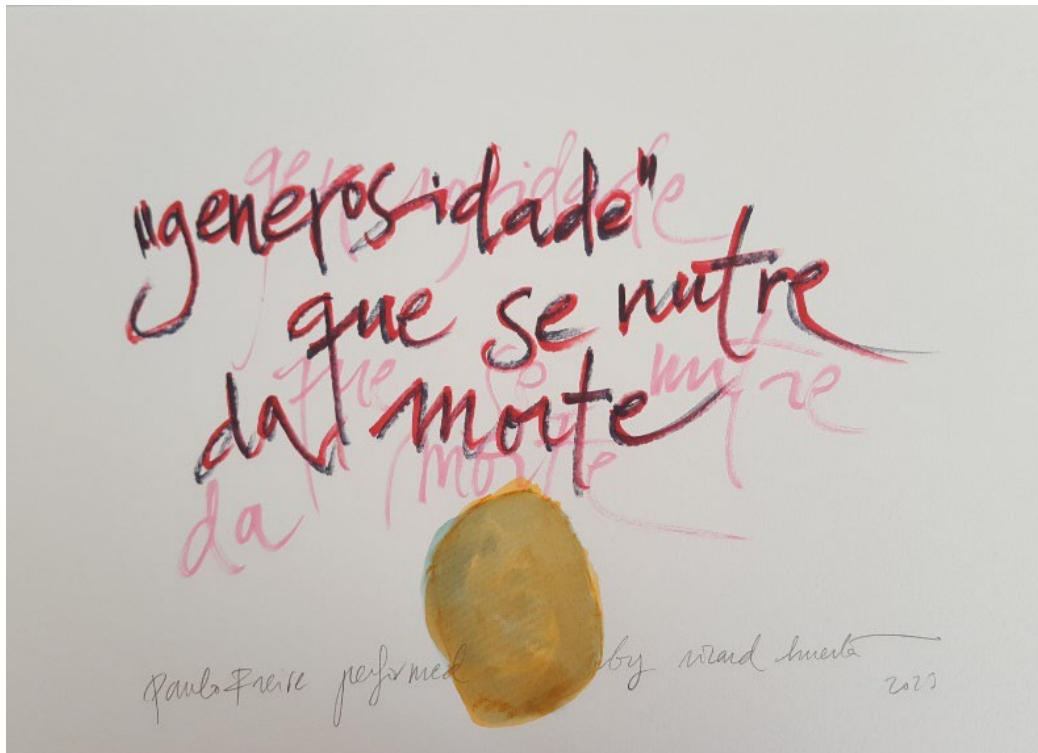


Figura 19. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*



Figura 20. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

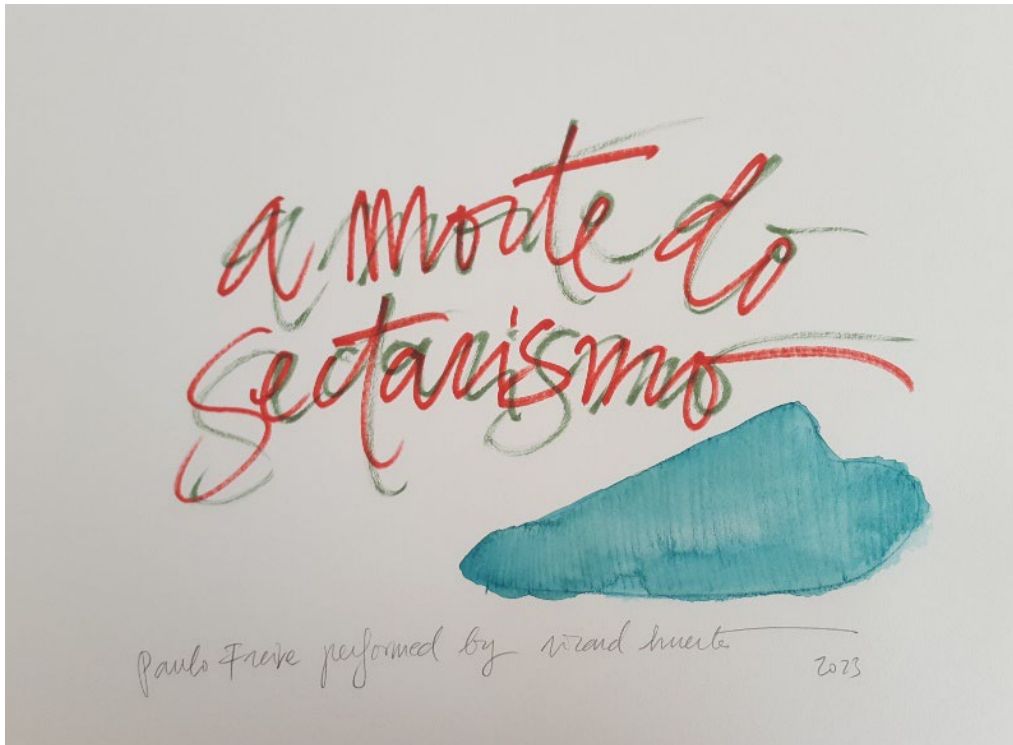


Figura 21. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

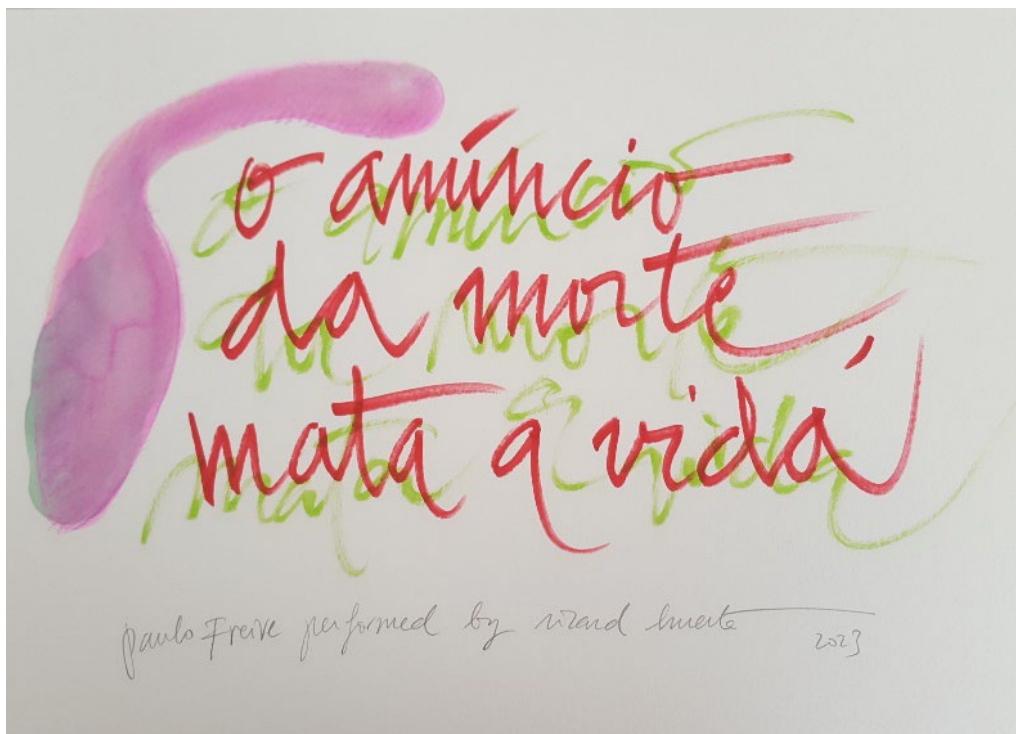


Figura 22. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

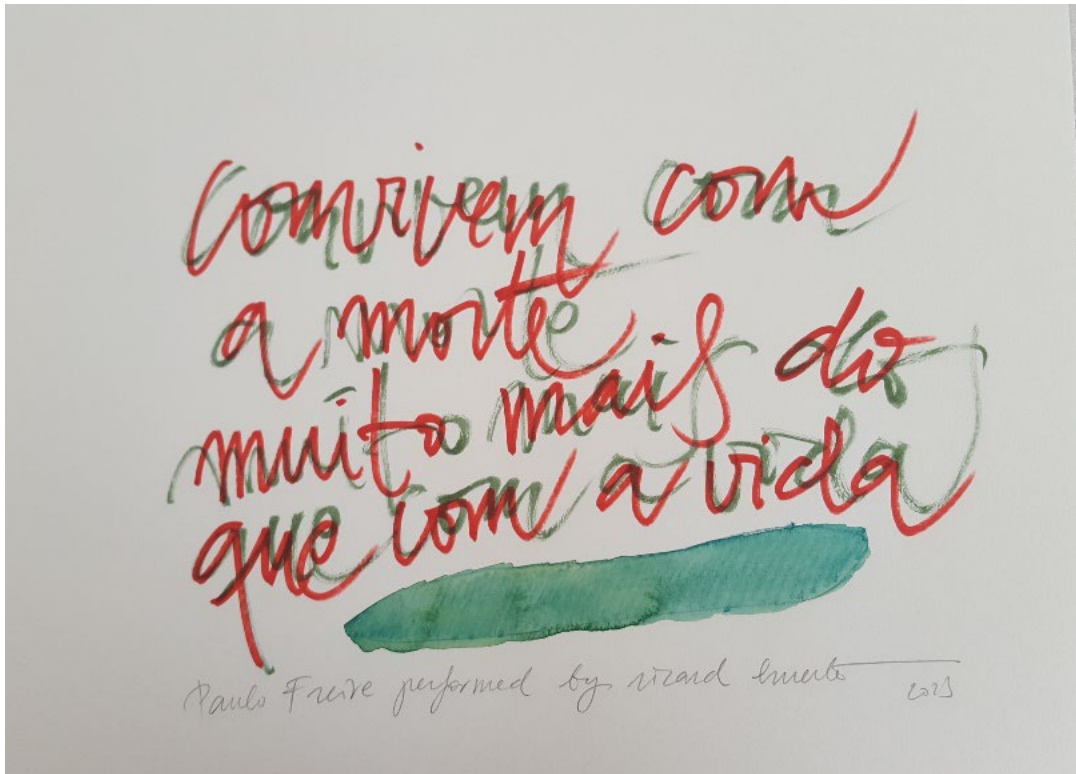


Figura 23. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

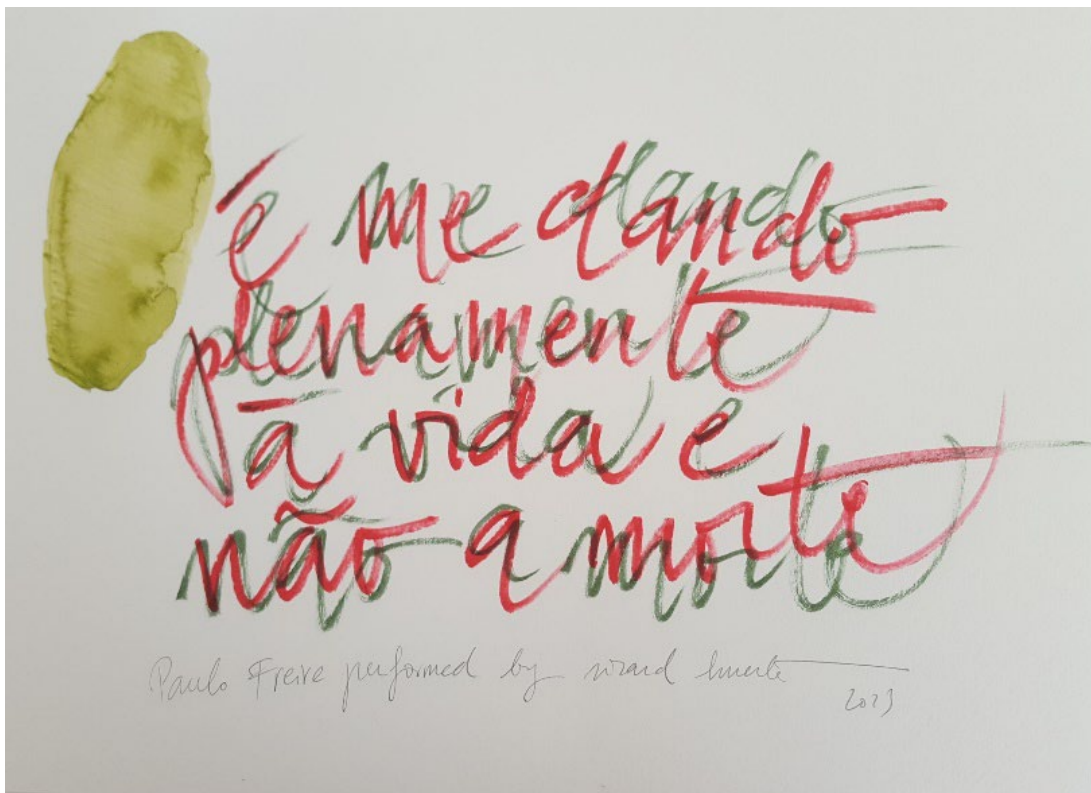


Figura 24. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

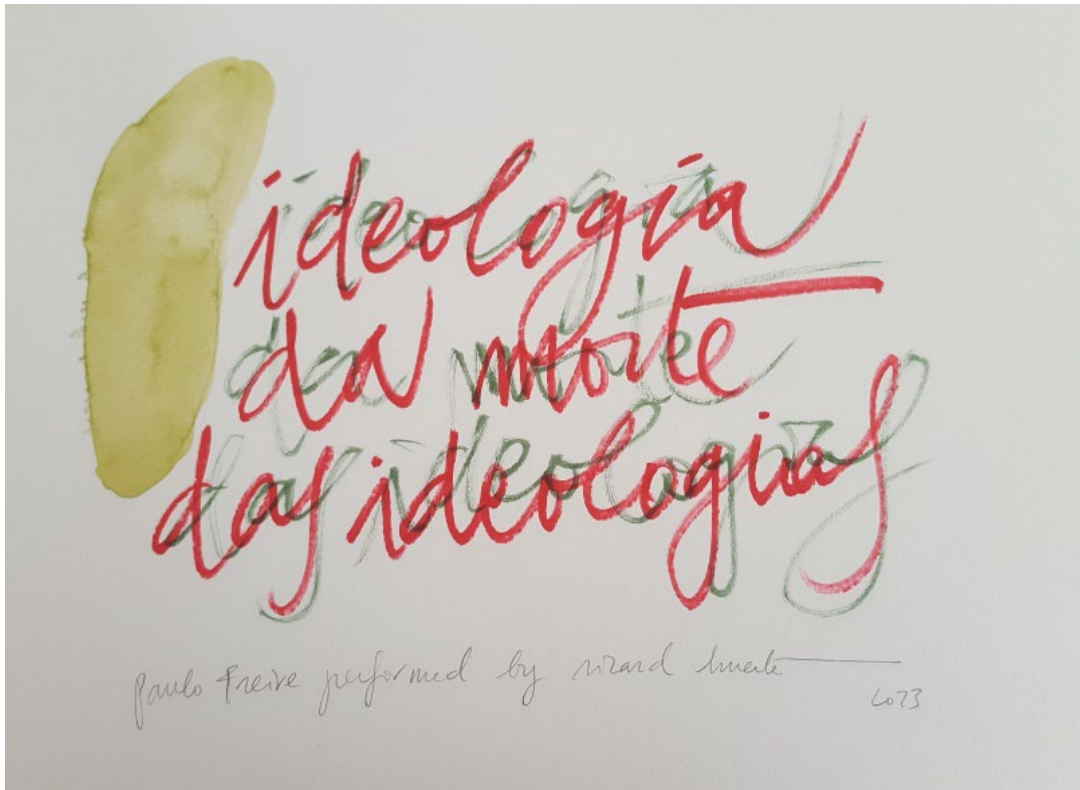


Figura 25. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

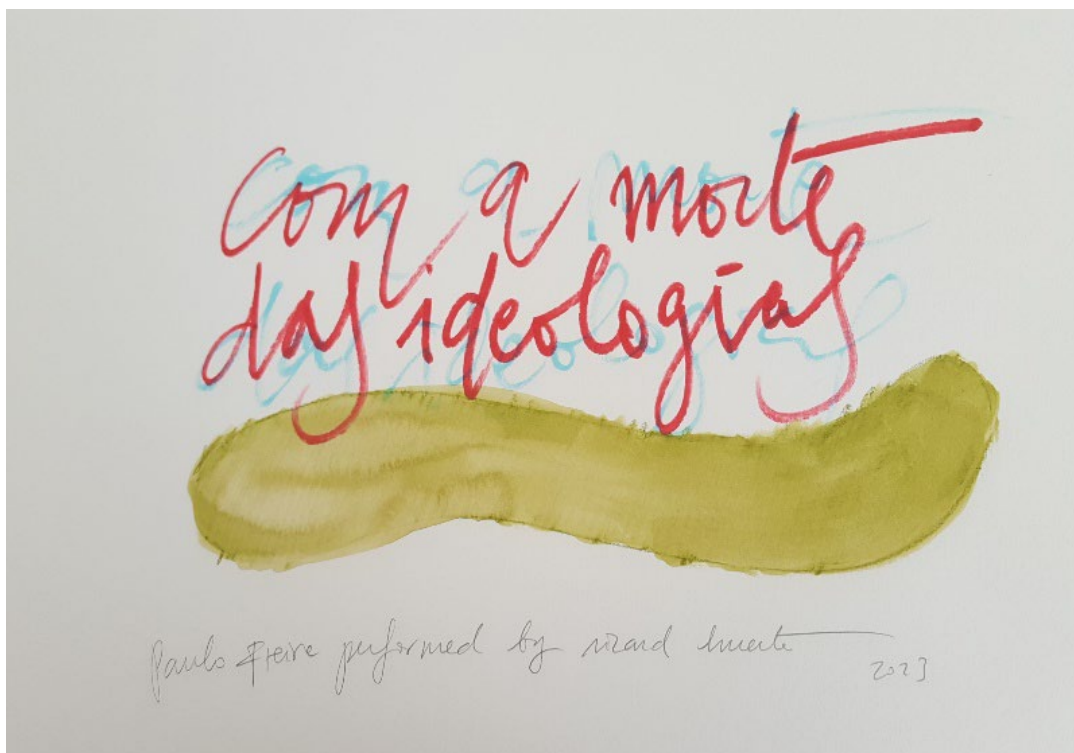


Figura 26. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*



Figura 27. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*



Figura 28. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

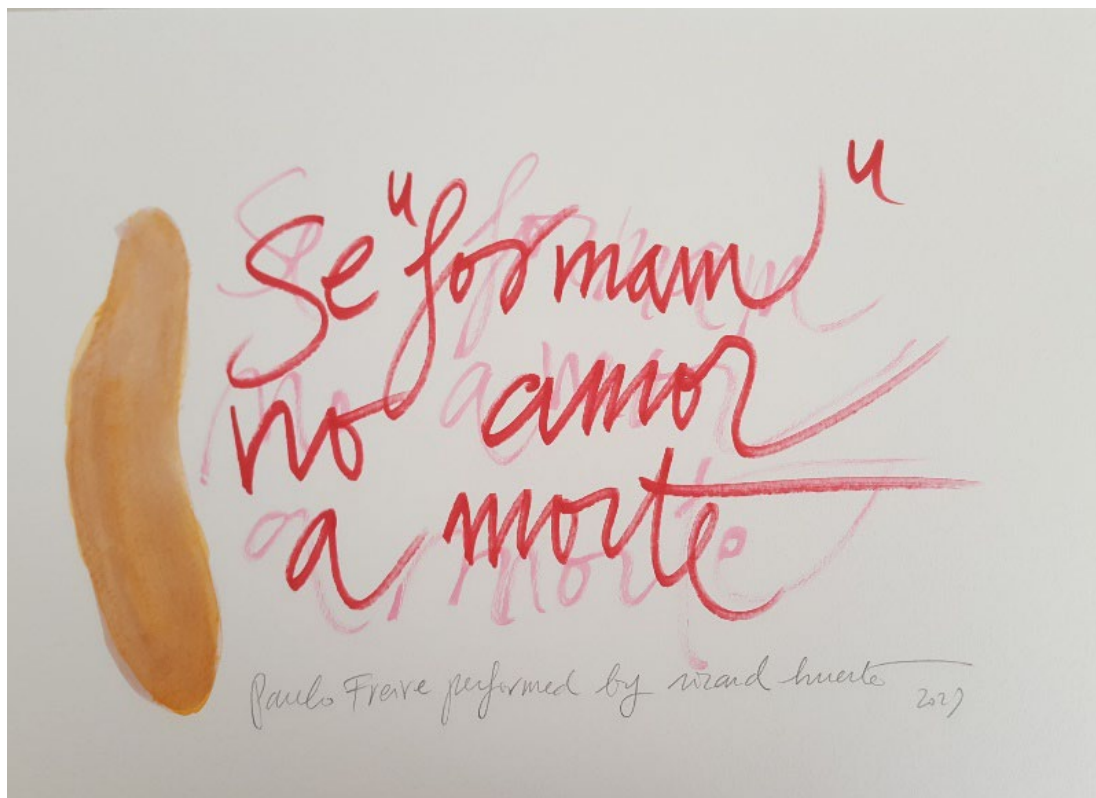


Figura 29. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

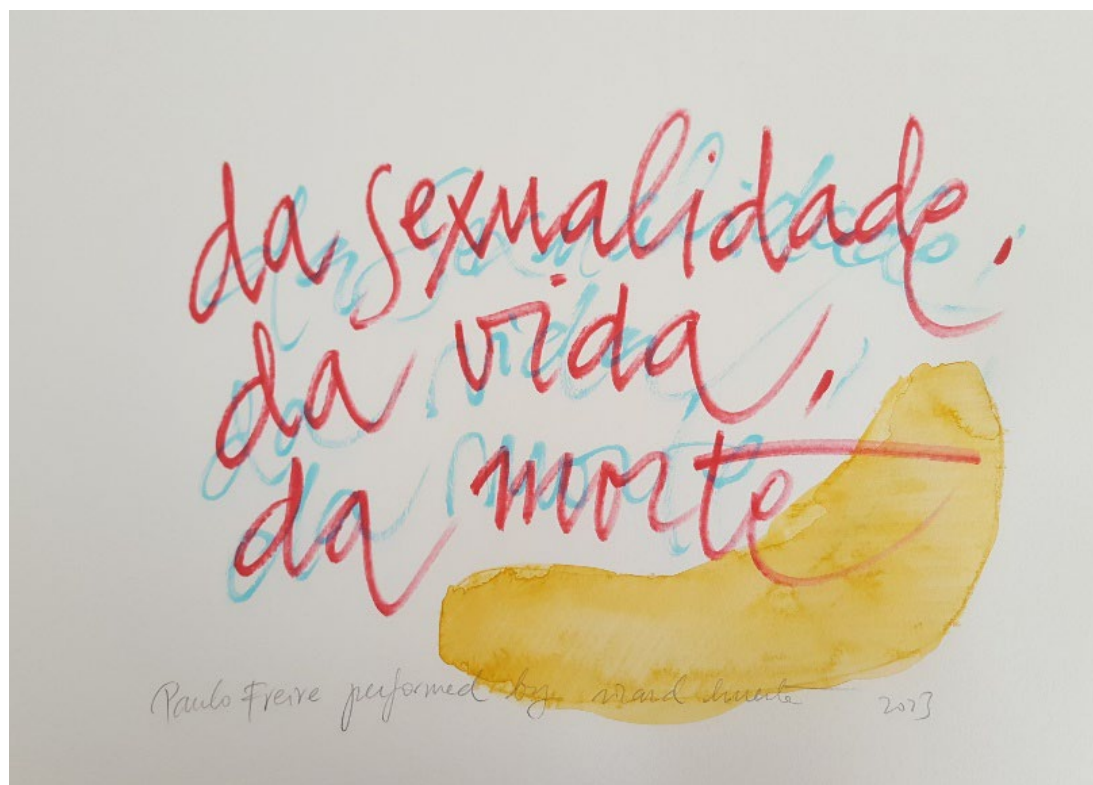


Figura 30. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

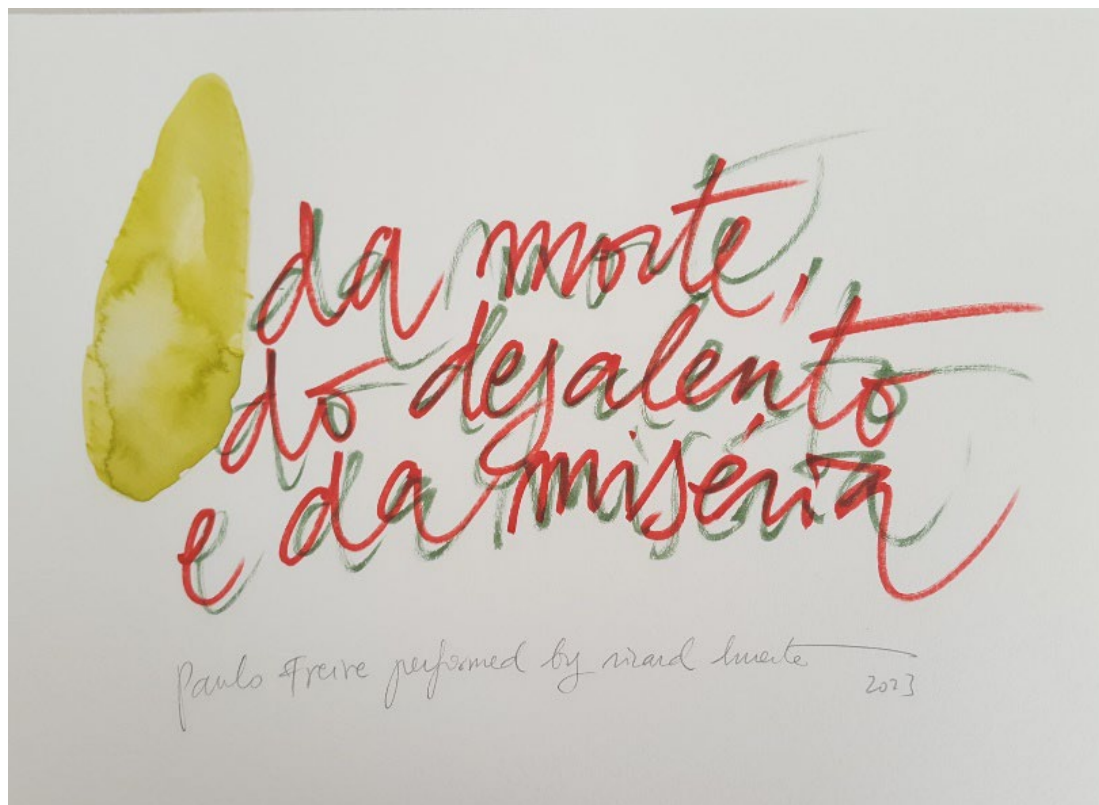


Figura 31. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

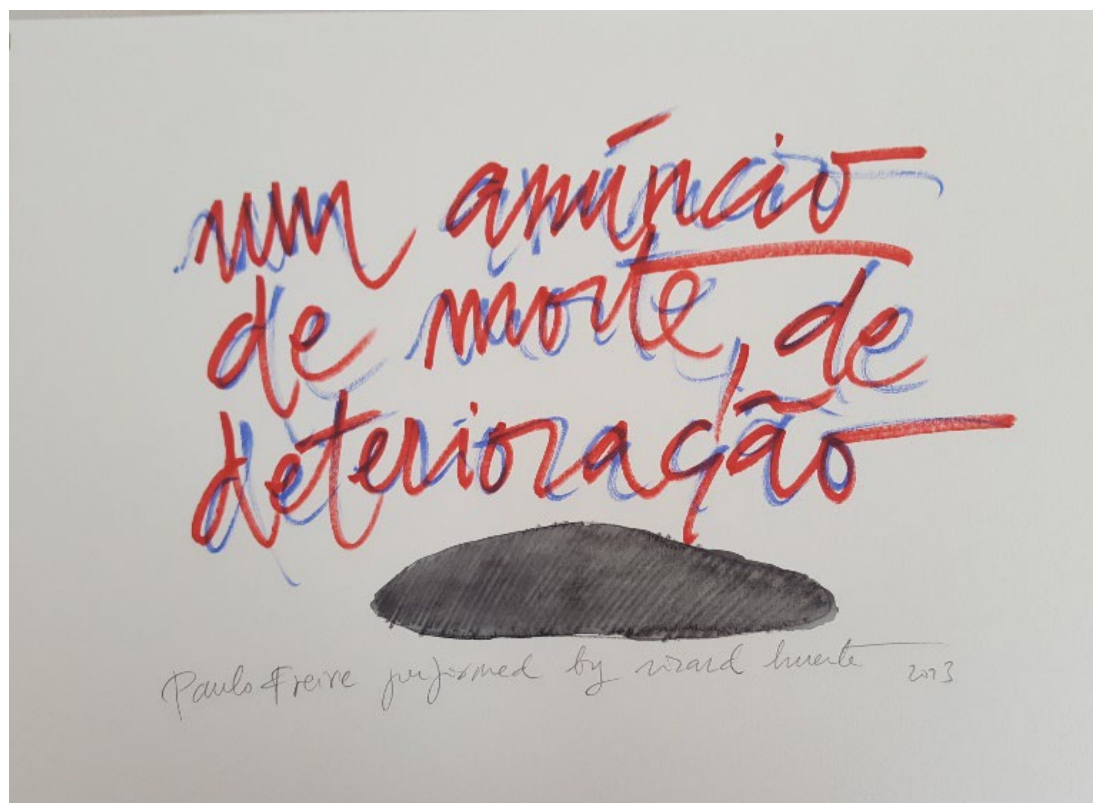


Figura 32. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

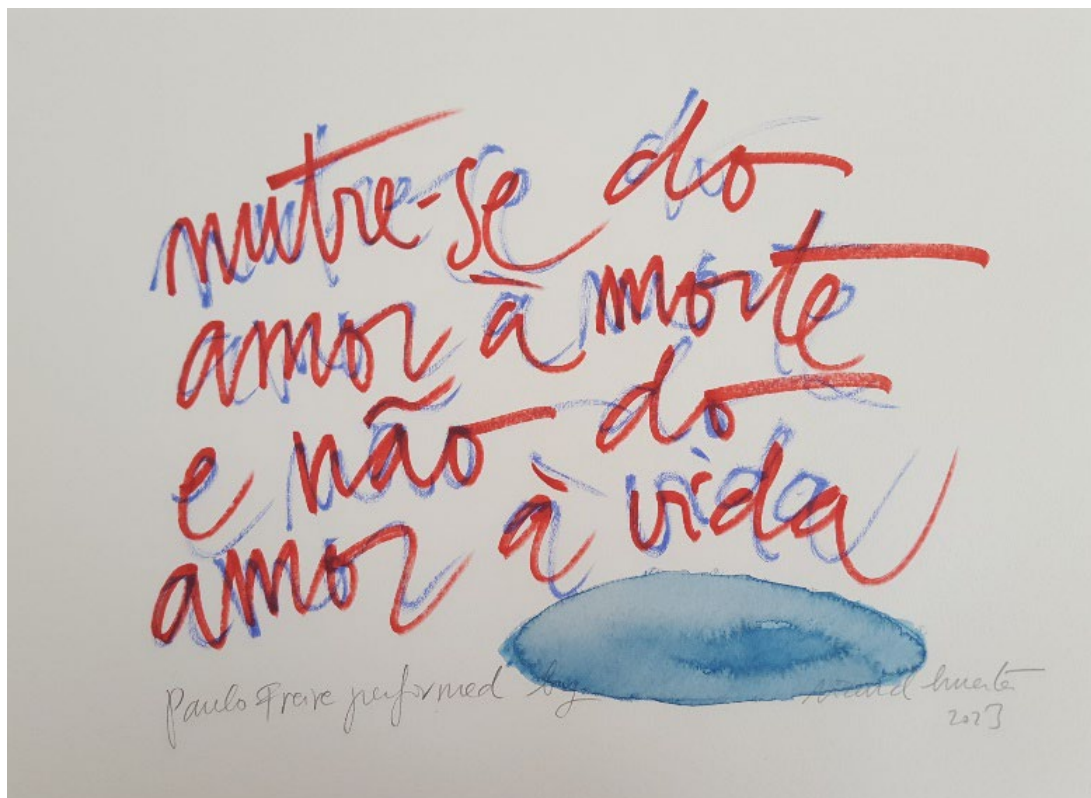


Figura 33. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

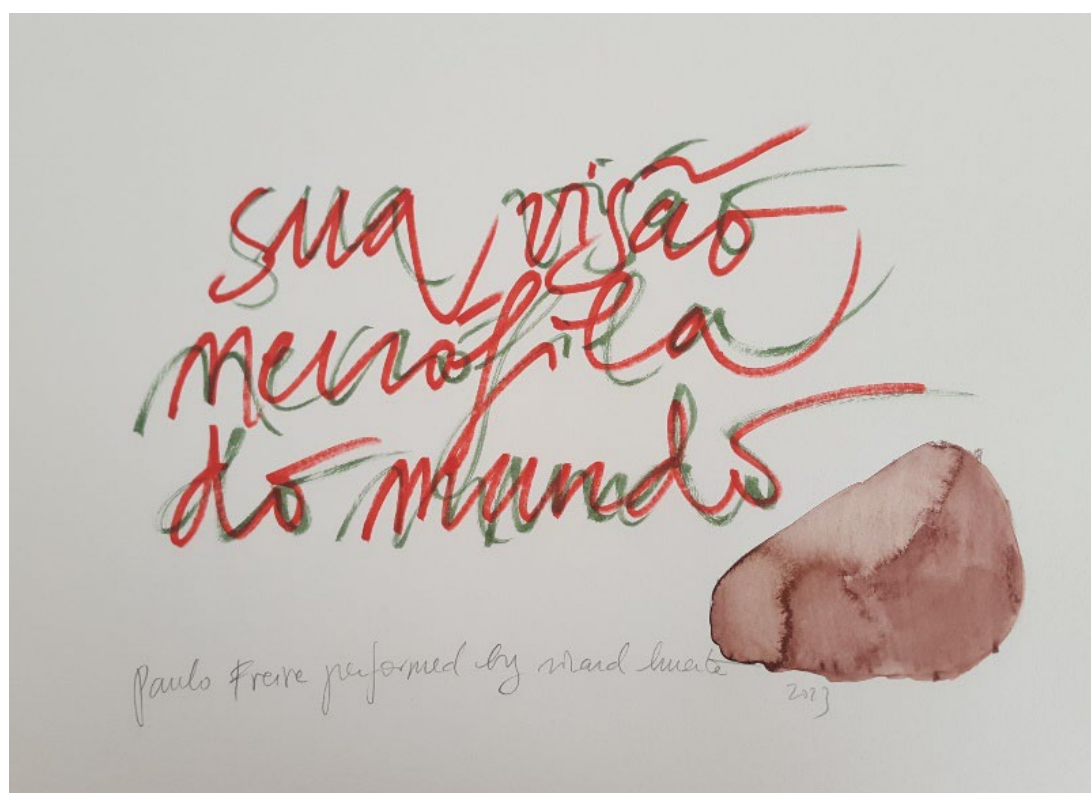


Figura 34. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*



Figura 35. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

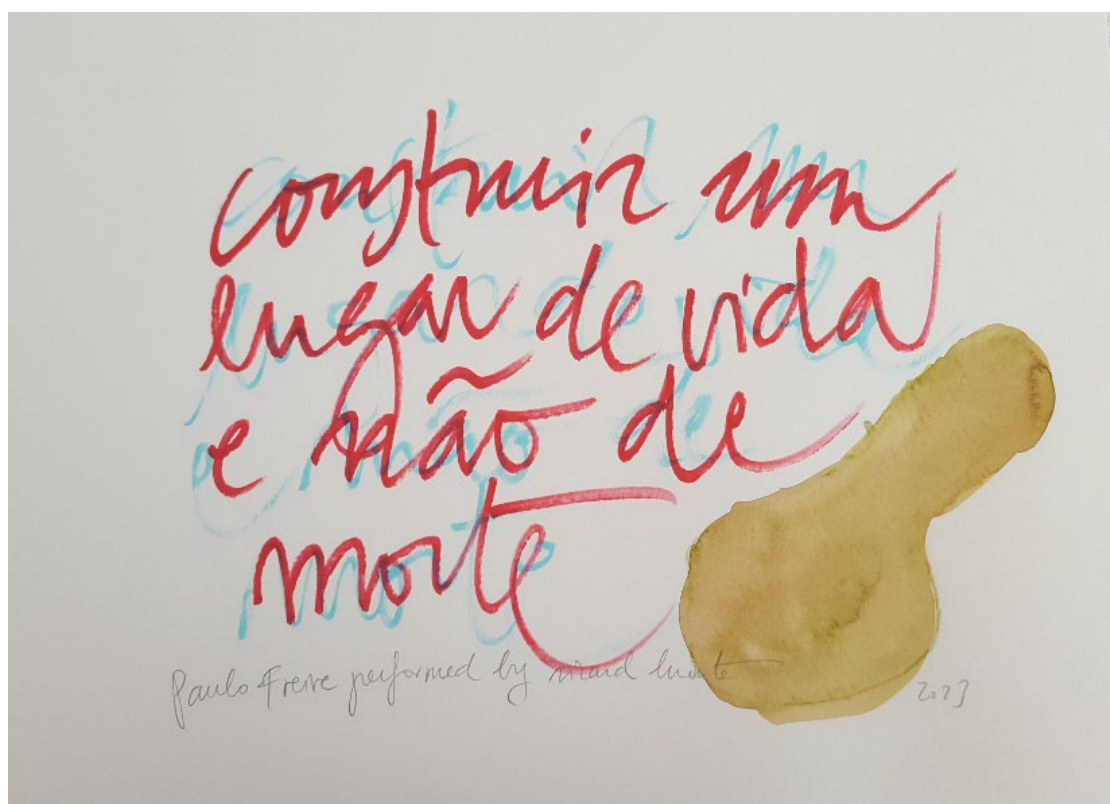


Figura 36. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

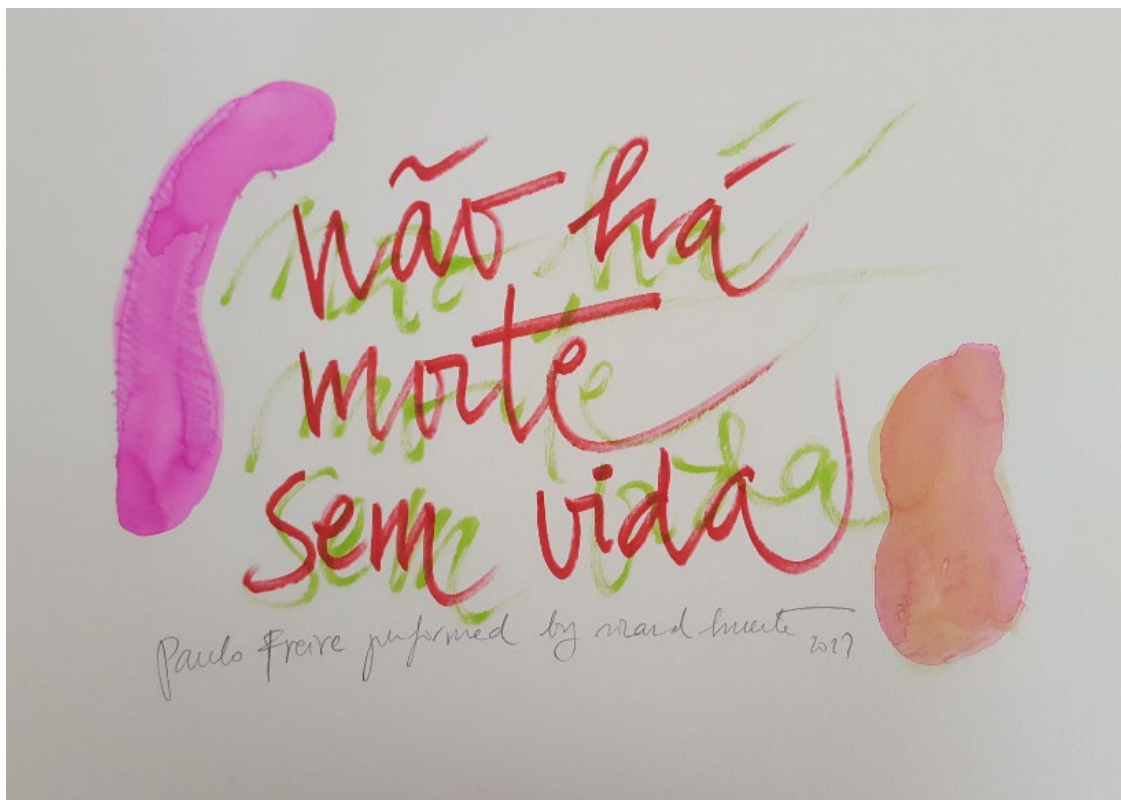


Figura 37. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*



Figura 38. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

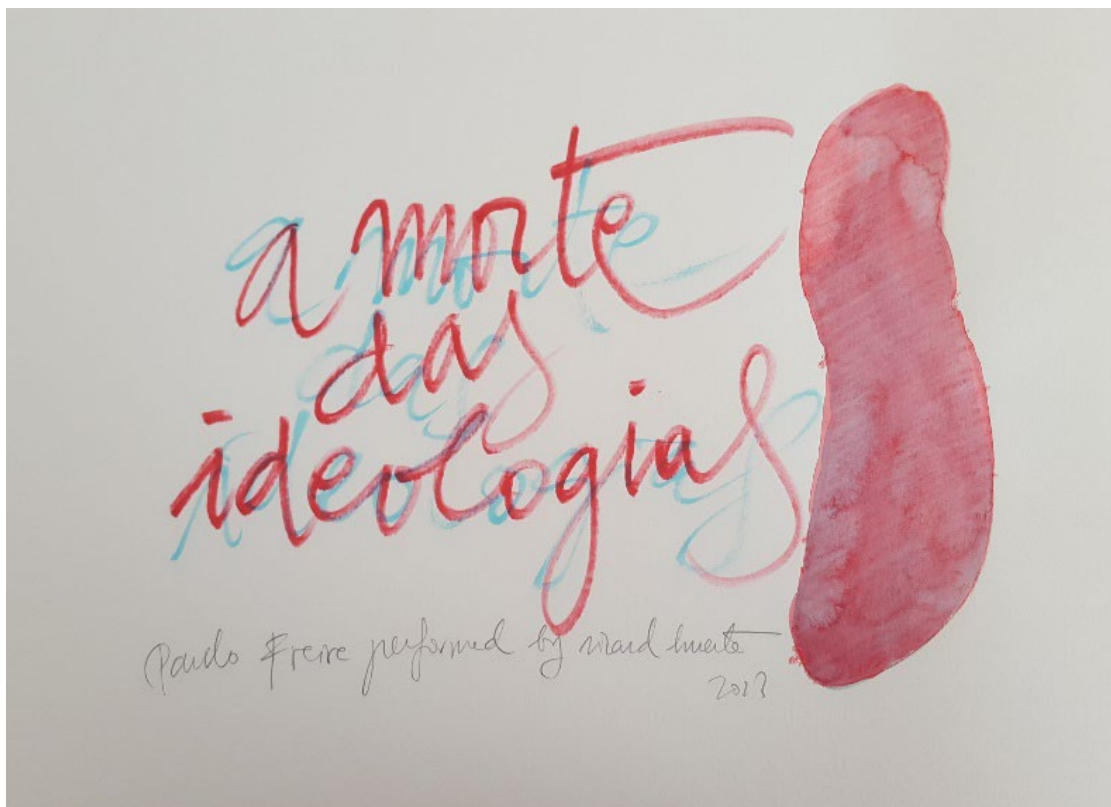


Figura 39. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

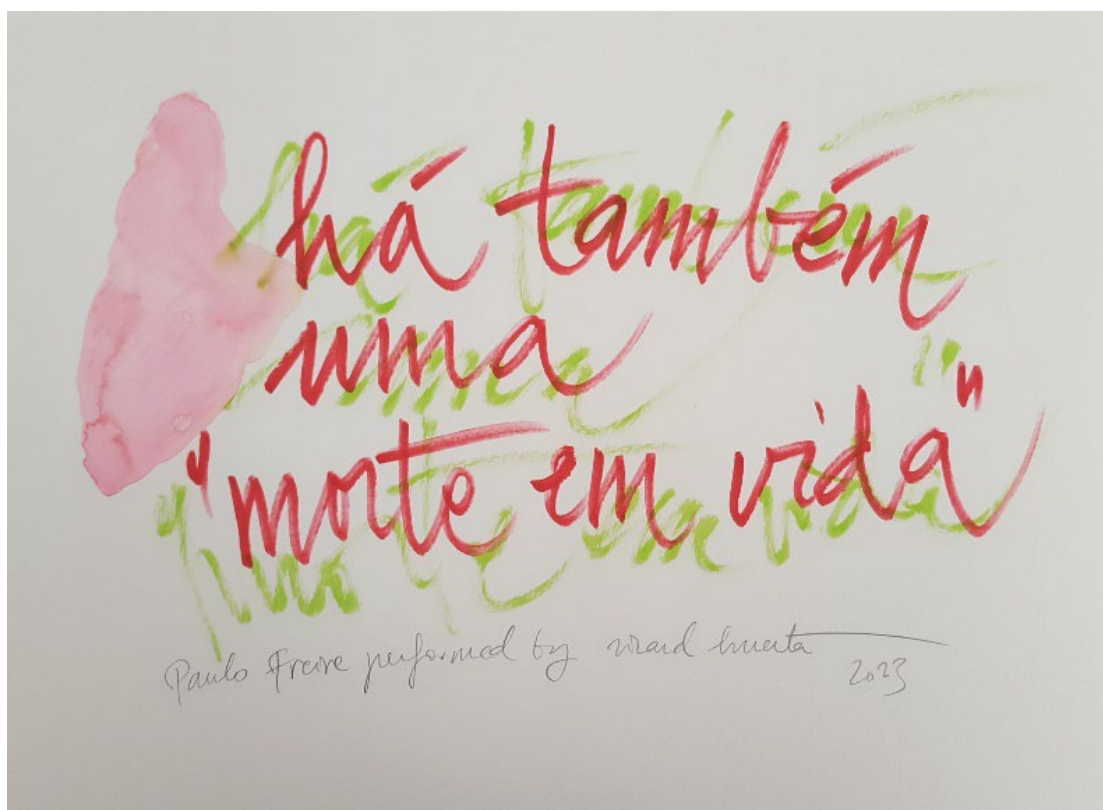


Figura 40. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*.

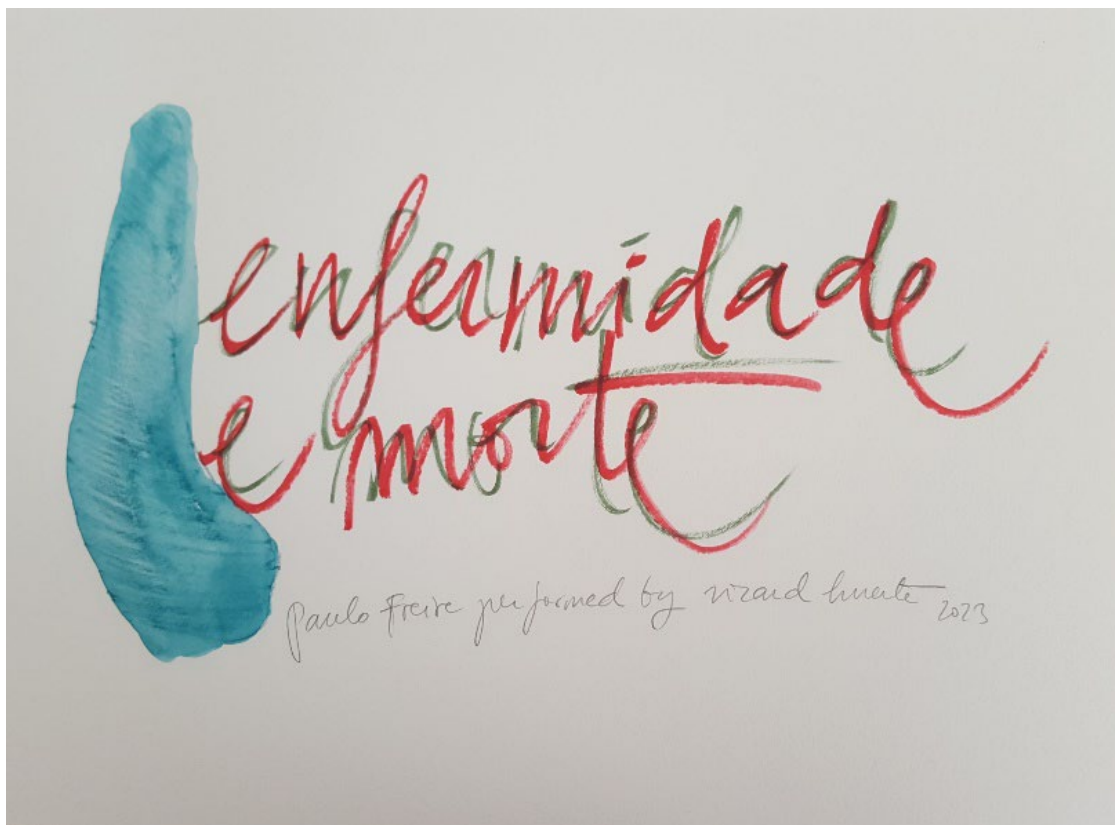


Figura 41. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

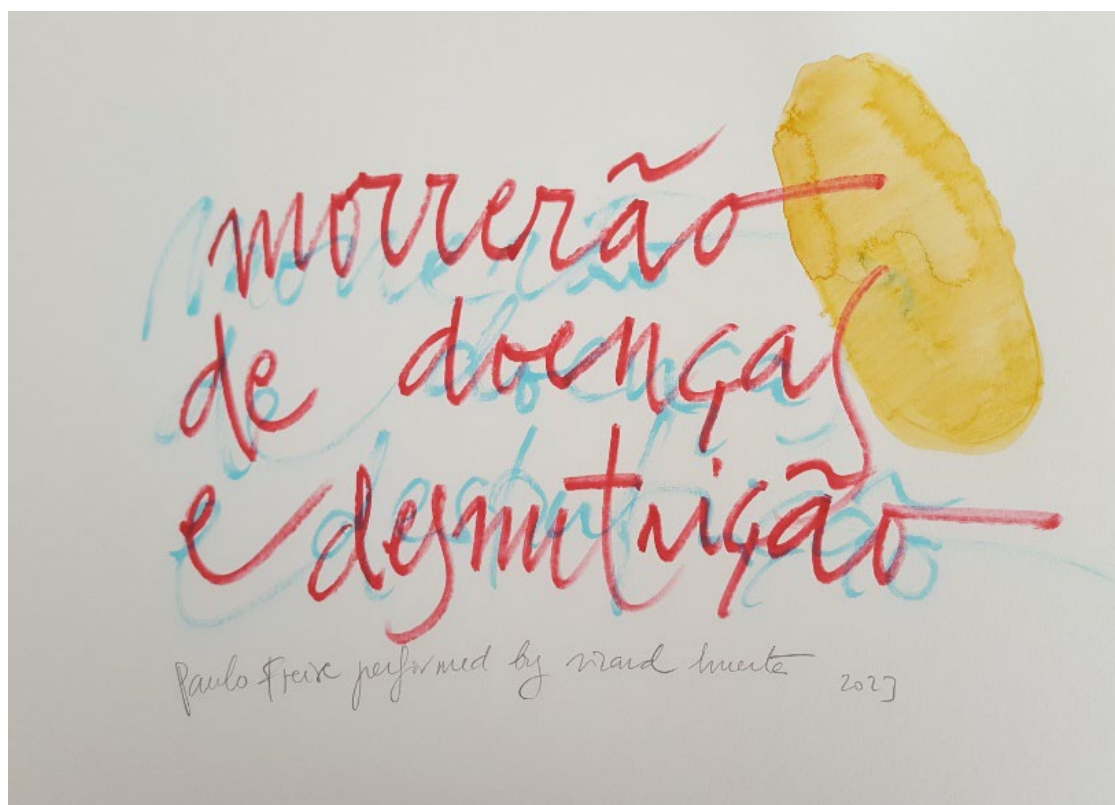


Figura 42. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

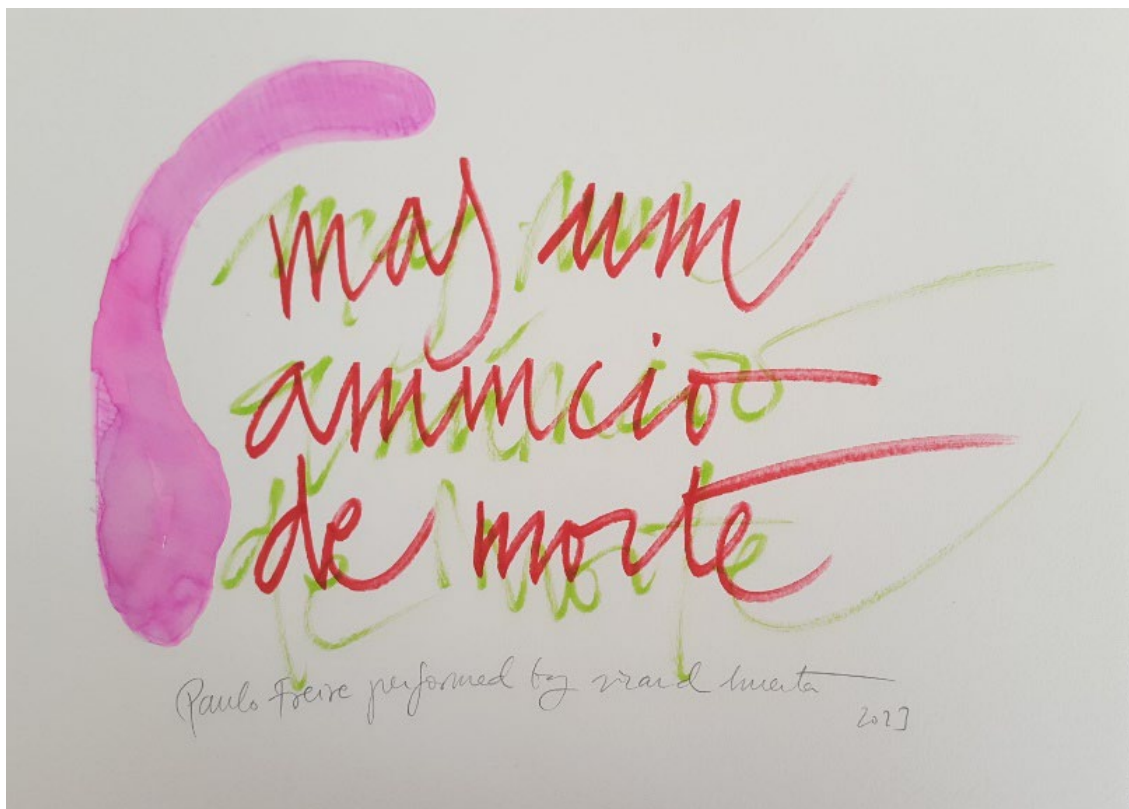


Figura 43. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

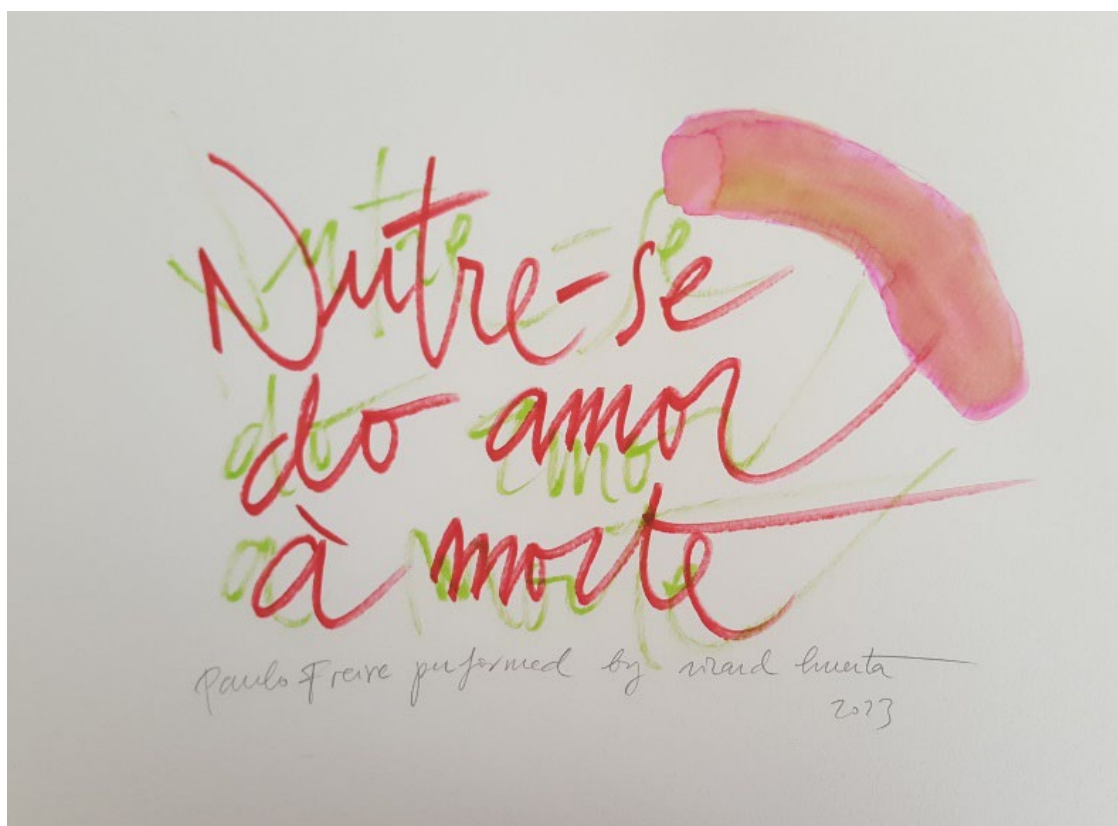


Figura 44. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*



Figura 45. Pintura de Ricard Huerta da série *Cemitério Paulo Freire*

04. O Eterno Maçónico no Cemitério da Lapa

Sérgio Veludo Coelho (Politécnico do Porto)

O projeto *Cemitério Paulo Freire* de Ricard Huerta é uma incursão simbólica entre o tangível e o intangível da visão da eternidade ou do término frio da existência. Os Cemitérios são os repositórios do simbólico e do signo, da arte, escultura, monumentalidade da morte, espelhando existências visíveis, invisíveis, escondidas ou assumidas. Os Cemitérios são os espelhos da existência em Vida. A simbologia Maçónica na arte funerária é um dos paradigmas destes espaços, com códigos que só os iniciados entendem ou os profanos se assim lhes for explicado. Porque em boa parte da História de Portugal, de Espanha e da Europa, os Maçons foram perseguidos, demonizados, até condenados à morte ou ao desterro. E a conhecida relação antagónica da Maçonaria, em todos os seus ritos e obediências, com a Igreja católica Romana, esta que proíbe os seus fiéis de serem Obreiros, mas em que a Maçonaria nunca proibiu nenhum Homem Livre e de Bons Costumes de ser Católico. Mesmo na Morte, o Maçon leva consigo Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A Igreja da Lapa e o Cemitério

A Irmandade de Nossa Senhora da Lapa foi instituída em 1755, e um ano mais tarde tiveram início os trabalhos da nova igreja, com a primeira pedra a ser lançada a 17 de Julho. Todavia, muitos anos haveriam de passar até o templo ficar concluído. É certo que em 1779 foi celebrada a dedicação da igreja, mas as torres só foram terminadas em 1863. As opções da Irmandade prejudicaram, muito possivelmente, o bom andamento dos trabalhos, até acordar um novo plano com José de Figueiredo Seixas que dirigiu também as obras até à data da sua morte, em 1773. A marca deste último arquiteto está bem presente no interior, de gosto claramente neoclássico.

Quando entre 1832 e 1833 o Cerco do Porto provocou inúmeras baixas na cidade tanto pelos efeitos da guerra como das epidemias, a Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa pediu ao Duque de Bragança, D. Pedro, autorização para construir um cemitério próprio, junto à sua igreja. A autorização foi concedida e a Irmandade passou a contar um espaço do Eterno, com muro e portal, dentro do ideário Romântico. Benzido em 1838, já tinha jazigos em 1839, e até ao final do século XIX, quando começaram a surgir outros

cemitérios como o Prado do Repouso, foi o mais importante do Porto, onde eram sepultadas as elites locais incluindo algumas ligadas à Maçonaria.

O Duque de Bragança, que durante o Cerco do Porto assistia à missa à Lapa, fez testamento do seu coração ao Porto, acabando por ficar à guarda da Irmandade da Lapa. Podemos destacar alguns Portuenses ilustres lá sepultados e que foram Maçons, considerando-se assim que partiram para o Oriente Eterno. São eles, José Ferreira Borges, político do Sinédrio e autor do Código Comercial, o Coronel José Joaquim Pacheco, do Batalhão de Caçadores 5, morto no Cerco do Porto em 2/12/1833 em combate com os Miguelistas na Areosa, o Frei D. Manuel de Santa Inês, Bispo do Porto durante a Guerra Civil de 1828-1834, que não chegou a ser sagrado por Roma porque foi nomeado por D. Pedro. Foi ele que benzeu o Cemitério do Prado do Repouso, mas não ficou lá, pois o Grande Oriente Lusitano exigiu que fosse para o Cemitério da Lapa. Ainda, o Major do Real Corpo de Engenheiros José Parada Leitão, combatente liberal, dos "bravos do Mindelo", lente de Física da Academia Politécnica do Porto durante a Regeneração e o Coronel Aviador José Manuel Sarmiento de Beires, que fez a primeira viagem aérea a Macau em 1924, primeira das grandes viagens aéreas. Foi Maçon e condenado ao exílio nas colónias pelo Governo de Salazar que ordenara a extinção da Maçonaria em 1934.

A simbologia maçónica no espaço do eterno

Não dormes sob os ciprestes, Pois não há sono no mundo.

O corpo é a sombra das vestes Que encobrem o teu ser profundo. Vem a noite, que é a morte, E a sombra acabou sem ser. Vais na noite só recorte, Igual a ti sem querer. Mas na Estalagem do Assombro Tiram-te os Anjos a capa. Segues sem capa no ombro, Com o pouco que te tapa. Então Arcanjos da Estrada Despem-te e deixam-te nu. Não tens vestes, não tens nada: Tens só teu corpo, que és tu. Por fim, na funda caverna, Os Deuses despem-te mais. Teu corpo cessa, alma externa, Mas vês que são teus iguais.

A sombra das tuas vestes Ficou sempre entre nós na Sorte. Não 'stás morto, entre ciprestes.

Neófito, não há morte.

Fernando Pessoa *Iniciação*

O Olho

Normalmente encontrados em um triângulo ou dentro de raios de sol. Símbolo Maçônico.

Delta radiante

O triângulo é a base da Geometria, a mais nobre das sete ciências liberais. É inseparável do simbolismo do número três e do conceito de trindade. Na concepção maçônica, pode representar os quatro elementos, consoante a abertura dos ângulos que o constituem.

Águia bicéfala

A águia bicéfala com o número 33 inscrito no peito é um dos símbolos mais inequivocamente maçônicos. Representa o mais alto grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, o de Soberano Grande Inspector Geral. Para além de transmitir a ideia de vitória, realeza, agilidade, prontidão, engenho, a águia é encarnação dos estados espirituais superiores.

Esquadro e compasso

O compasso é geralmente considerado como emblema do rigor matemático, da precisão e da razão. Aqui, o compasso marca a delimitação do firmamento e representa a imposição de Ordem no Caos. Associado ao princípio masculino e ativo, simboliza o espírito eterno e infinito, as possibilidades de conhecimento.

Coluna com 3 romãs

Uma coluna com capitel dórico, sobre o qual se encontram representadas três romãs. Simbolizam as colunas à entrada do templo de Salomão, Jachin e Boaz, que segundo o livro sagrado hebraico continham “duas fileiras de romãs (...) para cobrir os capitéis de cada uma das colunas” (I Reis 7, 18).

Alfabeto maçônico

Esta cifra de substituição mono alfabética, conhecida também como Pig Pen, foi criada pelo místico e alquimista Agrippa de Nettesheim, nobre alemão que viveu durante o século XVI. Mais tarde veio a ser o alfabeto adotado pela Maçonaria, instituição que necessitava de um método de comunicação escrito encriptado.

Obelisco

No pensamento egípcio, eles eram considerados um raio “fossilizado” na luz solar. Eles estão associados com um culto solar, particularmente do deus-sol Ra, sendo também associado a rituais maçônicos sobretudo evocativos dos ritos Misrahim.

Coluna Quebrada

Juntamente com a ampulheta alada este é, um dos mais populares símbolos de mortalidade a ser encontrado nos cemitérios do período Romântico. A coluna quebrada representa o final da vida, mais precisamente de uma vida terminada antes do tempo, sendo por isso normalmente associada à morte de jovens. Apesar de algumas fontes referirem a utilização da coluna quebrada para marcar campas de maçons, é bastante mais comum encontrar essa marcação articulada com outros símbolos maçônicos como o compasso, o olho no delta radiante, a águia bicéfala, etc.

Senhor do Tempo e uma Virgem Lamentando

A escultura é constituída por uma virgem chorando segurando um raminho de acácia de uma mão, e uma urna na outra mão. A coluna quebrada está na frente dela. O Senhor do Tempo está atrás dela, tentando desembaraçar os cachos do cabelo dela. Simboliza que com tempo, paciência e perseverança irá realizar todas as coisas, evocando a máxima maçónica – trabalho e perseverança, mesmo no Grande Oriente Eterno.

A Colmeia

Frequentemente usado pela Maçonaria. Ela simboliza a fé, a educação, e as virtudes domésticas, assim como o labor e o trabalho.

Coroa e Cruz

Simboliza tanto a vitória e o cristianismo. Além disso, este símbolo, por vezes, denota um membro do Rito de York, que também existiu em Portugal.

Mão Abrigando um Coração

A mão segurando um coração é um símbolo usado pelos maçons. Ela simboliza a caridade decorrente da ação do Maçom no mundo profano.

Pedra Angular com letras

Pedra Angular Maçônica, que é a marca de um antigo Grande Mestre. HOFVERS significa "Hiram o filho da viúva enviado ao rei Salomão". Relaciona-se com o mito da construção do Templo do Rei Salomão e do seu arquiteto Hiram Abif, morto e ressuscitado após ter sido assassinado por três aprendizes.

Nó em Corda

Um nó amarrado simboliza a união e a unidade e faz parte da simbologia maçônica do templo e da arquitetura simbólica da Augusta Ordem.

Crânio (alado)

Morte e mortalidade. Um crânio alado simboliza a ascensão ao céu – Grande Oriente Eterno à Guarda do Grande Arquiteto do Universo.

Cobra em anel e Ampulheta

Simboliza a vida eterna - não tem começo nem fim. O Ouroborus sobre a Ampulheta.

Serpente envolta em uma cruz com "In Hoc Signo Vinces"

Um símbolo do 25º Grau dos Maçons do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Acácia

A Acácia é a planta símbolo por excelência da Maçonaria, sendo utilizada pelos Mestres Maçons como sinal de identificação, representa a segurança, a clareza, e também a inocência ou pureza. A Acácia é inicialmente um símbolo da verdadeira Iniciação para uma nova vida, a ressurreição para uma vida futura.

Pavimento em xadrez

(ou pavimento de mosaico para outros): composto por quadrados pretos e brancos, com que devem ser revestidos os templos ou o centro destes são o símbolo da diversidade do globo e das raças, unidas pela Maçonaria e da oposição de diversos contrários, bem e mal, espírito e corpo, luz e trevas.



Figura 46. Escultura no cemitério de Agramonte, Porto. Foto: Ricard Huerta

05. Cemitério Paulo Freire: pensar a vida a partir da sua ausência

Henrique Vaz (Universidade do Porto)

A evocação do espaço físico do cemitério numa intervenção com características artísticas é o pretexto do retorno a um lugar urbano que, regra geral, apenas habitamos para saudar a despedida e a tristeza a ela associada. Não passeamos, por regra, num cemitério porque não entendemos a despedida como uma celebração, antes a associamos à dor da ausência, ao fim da presença, ao início de um novo modo de vivenciar alguém, agora sem interlocução direta, agora lançando as perguntas e imaginando, não mais do que isso, as possíveis respostas. E este exercício de imaginação é uma oportunidade, uma exploração que o(a) ausente nos consente, mas é sobretudo um exercício de presentificação da ausência, no que ele simboliza dos significados que somos capazes de atribuir a uma presença que já não tem presente.

Em todo o caso, se somos capazes de esboçar este exercício a partir da ausência, tal também significará não se tratar verdadeiramente de uma ausência, mas possivelmente de um outro tipo de presença. Esse outro tipo de presença, que somos capazes de construir num exercício de deslocação de si, de interpelação de um outro si sem respostas, a não ser as que nós próprios construímos, esboça uma configuração generosa ao saber estar, estar que transcende a fisicalidade, mas que não deixa, por isso, de ser físico; a experiência da ausência é ainda *uma* experiência nos termos em que John Dewey (2005) a concebe, enquanto exercício de consumação e não de cessação. A morte pode ser entendida não como um fechamento, mas antes como uma recriação e esta recriação é sempre um espaço de fragilidade do sujeito, mas, simultaneamente, de recomeços, de trabalho sobre si.

E é esta tensão da morte enquanto espaço de fim, mas igualmente espaço de aberturas – a angústia do “a última vez que falamos, discutimos”, “lamento não ter exprimido mais claramente o quanto...” – que alimenta esta recriação porque os ausentes ganharam o privilégio de não mais terem de se explicar; esse trabalho ficou connosco. Mas só fica connosco se quisermos (continuar a) entendê-lo assim, no registo do explicativo. Esta tensão entende-a bem a arte, que não procura soluções, que não tem respostas adequadas, que indaga mais do que ignora, que problematiza mais do que soluciona.

O espaço físico do cemitério, que esta proposta artística (nos) desafia, interpela-nos para além desse espaço, constrói sentidos renovados para a própria vida, o oposto da “morte em vida”, de que fala Freire. Ao incomodar-nos, vitaliza-nos; ao dessacralizar a morte, confere-lhe uma relação de intimidade com a vida; ao deixar-nos mais pobres, confere à pobreza uma atenção redobrada, aquilo que, na sua pedagogia pobre, Jan Masschelein (2008) identifica como a falta de intenção, o oposto de estar ausente.

Tornado ao cemitério (porque, em boa verdade, não se tratou de um re-torno) para bater a minha chapa fotográfica, entrei nele com um propósito distinto daquele que a ele, por norma, sou levado. Impressionou-me a grandiosidade, o sentido forte da “última morada”, a acusar o fazer-se presente mesmo depois de não estar presente, mas também a generosidade dos que ficam, generosidade expressa nos modos que os cordões da bolsa autorizam, certamente (a imagem de condomínio fechado é forte, incontornavelmente). No meio de tanta expressão artística, de tanta angular marmoreada, foi a construção mais megalítica que existia dentro deste espaço que mais captou a minha atenção. Esta construção – o ossário do cemitério – datada ainda de finais do séc. XIX, parecia destoar do arranjo geométrico e estético do resto do recinto.

Foi o seu descaso arquitetónico na imagem de conjunto, mas, igualmente, o que ele simboliza – o destino terminal de qualquer resquício do ser físico, o espaço onde todos se confundem – que mais realçou, para mim, a impressividade deste espaço, quiçá, a verdadeira *casa comum*. Sim, porque, tudo aquilo que antes discorri em torno do pensar a vida a partir da sua ausência se configura num outro espaço, aquele dos nossos pensamentos, onde os ausentes se fazem presentes (para nós e do modo que nós entendermos).

Referências

- Dewey, J. (2005). *Art as Experience*. New York: Perigree Books.
- Masschelein, J. (2008). E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, 33(1), 35-48.

06. Caras e Caros Companheiros

Eunice Macedo (Universidade do Porto)

Caras e Caros Companheiros,

Trago-vos aqui algumas reflexões sobre a experiência de participação no projeto “Cemitério Paulo Freire”, proposto por Ricard Huerta, Professor Catedrático da Universidade de Valência, Instituto de Criatividade e Inovações Educativas. Ser desafiada pela Amélia Lopes para conhecer o Ricard Huerta, cujo trabalho de pesquisa foca expressão artística e criatividade, formação docente e a inclusão das e dos alunos, e investigação com artes, não poderia ter deixado de me despertar curiosidade. Mais curiosidade me suscitou ainda a sua proposta de projeto “Cemitério Paulo Freire”, já cuidadosamente delineada e baseada em experiências anteriores. Se a justificação do projeto, pelo autor, enquanto oportunidade de exploração de textos e contextos a partir de um olhar *desdramatizante* sobre a morte – focado na profusão expressiva das letras e dos dizeres dos mausoléus, e nas figuras escultóricas que preenchem os nossos cemitérios – me desafiou a olhar para esses espaços de outra forma, a provocação para me aproximar da ‘morte’ e dos seus rituais despertou-me algumas resistências. Falar da morte pode ser associado a morbidez e a desprendimento da vida, posição da qual me distancio francamente. Fui percebendo que o objetivo não seria esse. Contrariamente, explorar a morte pode consistir numa homenagem à vida, à vida que prevalece e se alimenta na manutenção de rituais, entre os quais a morte e a sua sacralização são, apenas, mais uma forma de viver a vida.

Face à proposta, interroguei-me “Porquê Freire, se estamos em Portugal?”, “Porquê os cemitérios e não qualquer outro lugar?”. Efetivamente, em encontros posteriores, tal como a oficina que Ricard dinamizou para estudantes do Programa Doutoral, na nossa faculdade, este explicaria de forma clara as suas opções, acabando por conquistar-me e vencer as minhas resistências. Quanto à primeira questão “Porquê Freire”, Ricard esclareceu que procurava uma pessoa que se expressasse em língua portuguesa e possuísse suficiente relevo internacional para captar a atenção para a problemática da investigação que Ricard trazia a debate. Esta mesma lógica orientou três exposições anteriores, na mesma modalidade, mas em locais distintos, a mais recente, em Bolonha, que se reportou a Pasolini. Claramente, Freire e o pensamento freiriano cumpriam brilhantemente essas funções, Freire é um pensador e comunicador poderoso e o seu

trabalho tem sido reconhecido ao nível internacional. Foi também a existência de um Instituto Paulo Freire de Portugal, sediado na nossa faculdade, que suscitou em Ricard a busca de inspiração em Freire, expandindo os cânones habituais do recurso à filosofia política da educação deste pedagogo. Devo dizer-vos que, face a esta *pro-vocação* me senti estimulada a procurar descobrir o que tem a dizer Freire – autor da resistência, da briga e dos afetos – sobre a questão da morte. Explorei então esse filão, tendo encontrado, em quatro obras de Freire, um conjunto de referências, como explicito em seguida, com base no email enviado a Ricard.

“Olá Ricard

Anexo pdf de livros de Freire, localizando a palavra ‘morte’: 1 – “Professora sim, Tia não”, em que Freire fala da morte associada à perda de ideologia e em que afirma a sua opção pela vida. Há 8 ocorrências; 2 – “Por uma pedagogia da pergunta”, em que Freire fala sobre ‘resistência, respondendo a uma questão relativa à morte do conhecimento, por relação com a morte da política. Há duas ocorrências; 3 – “Pedagogia do oprimido”, fala do amor à morte associado à opressão das pessoas oprimidas, com 17 ocorrências, por exemplo “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida.”; 4 – “Pedagogia da esperança” – morte(s) associada a vários temas: morte, com 9 ocorrências; e mortes com 3 ocorrências.” Trata-se, claramente, de um diálogo com a “morte” que a situa na tensão entre dominação e subordinação, presentes no eixo da relação de opressão muitas vezes prevalecente nas sociedades humanas; um diálogo que nos convoca a fazer opções éticas de amor à vida, no quadro de uma estética do solidário e do sensível.

Esta primeira seleção pela docente-investigadora-freiriana tinha por objetivo facilitar o diálogo do artista-professor-artista com o político-pedagogo e devo dizer que o resultado me pareceu verdadeiramente relevante. Ou seja, o objetivo foi não só realizado como transcendeu as expectativas. Ricard, por um lado, selecionou e categorizou textos e imagens de cemitérios, recolhidas por si em vários contextos internacionais, criando um diálogo de proximidade, que homenageia o pensamento freiriano e convoca simultaneamente a sua homenagem à vida. Por outro lado, Ricard pincelou diálogos informais com excertos de textos de Freire, trazendo cor e vida às expressões da morte; e ainda mobilizou estudantes, docentes e investigadores para fazerem parte desta exploração tirando partido da(s) estética(s) *sui generis* capturadas em imagem pelas

peças participantes, em cada cemitério. Uma pessoa, uma imagem – a contenção do olhar que opõe a qualidade à quantidade.

Retomando a segunda questão-estímulo, pergunto então “Porquê os cemitérios e não qualquer outro lugar?”. Realmente, esta resposta é de uma outra ordem de racionalidade, permitindo perceber como os limites podem ser transformados em oportunidades, quando os desafios de tornar significativas e poderosas as aprendizagens das e dos estudantes se sobrepõem a quaisquer formas de conformismo. Como nos diz o velho provérbio “A necessidade aguça o engenho”. Ricard explicou que a situação pandémica não lhe permitiu levar as e os seus alunos a visitar museus como espaços de aproximação e experimentação estética, porque os museus estavam fechados, obrigando-o a descobrir outros lugares que igualmente proporcionassem às e aos estudantes a experiência do sensível e da educação do olhar. De forma inesperada, estas imersões nos mundos da ‘morte’ despertaram nas e nos estudantes emoções e partilhas inesperadas, num (re)encontro com as próprias vidas e experiências com a morte, que tornaram ainda mais significativas as aprendizagens e permitiram aprofundar relações, humanizando-as.

Para terminar, reporto-me ainda à inauguração da exposição “Cemitério Paulo Freire”, como referi, que teve lugar no Espaço T “Quase Galeria”, na noite de 24 de novembro, com curadoria de Fátima Lambert, da Escola Superior de Educação, e coordenação académica e educativa de Amélia Lopes, Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. A exposição, organizada de forma límpida e clara, num espaço acolhedor, onde não faltaram os cravos que simbolizam “Abril”, teve bastante adesão por parte da comunidade académica e de outras pessoas. Ouvir o Ricard expressar-se entusiasticamente sobre as diferentes dimensões do trabalho realizado e trazido a público, até ao dia 19 de dezembro, foi o colmatar de uma experiência de rutura concetual, e de outras ruturas, que, certamente, valeu a pena, abrindo (e deixando) espaço para a reflexão sobre as pessoas que somos, as vidas que vivemos, e as mortes que vamos enfrentando.

Um abraço, Eunice Macedo

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Instituto Paulo Freire de Portugal

07. Narrativas de cemitério

Ilda de Sousa (Universidade do Porto)

Fui convidada pelo artista e autor do projeto “Cemitérios”, autor do livro *Cemeterios para educar* (2021), a participar na ação artística que culminou na realização da exposição participativa “Cemitério Paulo Freire”, realizada no Porto. Para o efeito, deveria visitar um cemitério português, capturar uma fotografia e partilhar uma pequena nota sobre as motivações que orientaram a realização dessa imagem. Confesso que recebi o convite com uma mistura de desconhecimento e estranheza.

O meu histórico de visitas a cemitérios é escasso, limitado, quase exclusivamente, a momentos afetivos, marcados por visitas a entes queridos. A relação que construí com esses espaços, durante muito tempo, foi permeada pela despedida e pela saudade. Poucas vezes os visitei com um propósito diferente. No entanto, entre essas raras incursões, guardo uma experiência singular: a visita ao Cemitério Santa Isabel, em Mucugê, no estado da Bahia, Brasil, em 2022. Ali, além de capturar fotografias pela beleza peculiar do local, encontrei-me, de forma inesperada, trancada dentro do cemitério. Fui revisitar essas fotografias que não só retratam a paisagem, mas também a narrativa inusitada da minha experiência: uma porta aberta, outra fechada, com o provável responsável a afastar-se do local numa motocicleta; e a imagem de uma camisola com a inscrição enigmática “O último dia”, proveniente do grupo de mulheres que me resgatou da situação. O convite levou-me até essa lembrança, adicionando um certo humor à previsão de voltar a visitar um cemitério.

A memória desse episódio peculiar, junto com o convite para participar no projeto também provocou uma reflexão sobre a natureza dos cemitérios e como estabelecemos relações com esses lugares. A minha fuga foi possibilitada por uma senhora que contou ter brincado na quele espaço quando era criança. Possuindo um profundo conhecimento do espaço, dirigiu-me por uma pequena trilha que me permitiu sair dali. Ainda não havia considerado o cemitério como local de brincadeira. Da mesma forma, apesar de já ter pensado no museu como um tipo de cemitério, não tinha contemplado o cemitério como um museu.

Estando deslocada, por motivos profissionais, não me era possível visitar o cemitério que me é mais familiar. Optei, portanto, por visitar um cemitério de maneira quase aleatória, como se estivesse a visitar um museu recém-descoberto numa cidade. Essa experiência ressalta as similaridades entre esses espaços, como cada cemitério, assim como cada museu, é portador de narrativas invisíveis para quem o visita.



Terra: do material para o imaterial. Ilda de Sousa

08. A morte não é um bem. Os próprios deuses o sabem

António Fernando Silva (Politécnico do Porto)

*A morte não é um bem.**Os próprios deuses o sabem.**Eles preferiram viver.*

Safo (século VII A. C.) tradução David Mourão Ferreira

Nasci em 3 de Outubro de 1962.

Lembro-me do meu primeiro encontro com a morte, nos finais de Dezembro de 1967. A minha avó foi ao quarto, levar água ao meu avô Manuel e voltou, chorando baixinho.

Lembro-me do quarto, transformado numa caixa negra, e do velório toda a noite. A casa cheirava a flores, incenso e café. No intervalo das brincadeiras, silenciosas, com os meus amigos, ia espreitar o caixão, no meio do quarto, rodeado por mulheres de negro vestidas, tentando descortinar algum pequeno movimento do meu avô.

Lembro-me de, aos domingos, depois da missa, ter de cumprir o mando da minha avó Laura e ir ao cemitério em visita às campas da família.

Lembro-me do calor de Agosto, em 1969, que o negro intensificava, no funeral da irmã do meu avô Manuel.

Lembro-me do meu tio Neca se despedir da mãe, em 1971, antes de regressar a Moçambique, sabendo que não mais a veria.

Lembro-me de, em Setembro, quando a minha avó Laura morreu, a minha mãe me entregar um lençol de linho para ir entregar ao coveiro, para embrulhar os ossos do meu avô.

Lembro-me da morte, ao longe, atingir-nos de perto. A notícia da morte da minha tia Zita, na Suíça, em 1973 e, pouco tempo depois, também lá, o meu avô paterno morrer. Lembro-me de ir ao correio enviar um telegrama que dizia: “estamos convosco neste doloroso momento”.

Lembro-me de visitar o cemitério onde repousam: um jardim com árvores, sem mármores.

Lembro-me de levar a minha avó Conceição para a Suíça, no Natal de 1983 e, uns meses depois, a notícia da sua morte ter chegado.

Lembro-me de, em Dezembro de 1986, estar na Escola de Belas-Artes, a desenhar Figura Humana, usando ossos verdadeiros, e a minha tia Jú, que desenhava maravilhosamente, morrer.

Lembro-me do peso imenso do caixão do meu pai na chuva fria de Novembro, em 1990. Lembro-me da minha fotografia com o meu tio Neca, junto do Ford Zephir, que pus no seu caixão, em Agosto de 2006.

Lembro-me do céu limpo no dia do enterro da minha mãe, em Agosto de 2013.

Lembro-me...

Dezembro de 2023



S/título. António Fernando Monteiro Pereira da Silva

09. A morte é uma flor que uma só vez floresce

Paulo Nogueira (Universidade do Porto)



A morte é uma flor que uma só vez floresce. Paulo Nogueira

Quando se perde a linguagem, perde-se a morte também. E o inomeável, que tem nome – seja Morte, seja Dor – perde-se também. Desconhecidas, Morte ou Dor, precisamos de as convocar, se o tempo e a memória do mundo lhes bastarem, se ainda houver atalhos desconhecidos. Precisamos reaprender a tratá-las por tu, e justamente por serem da esfera do indizível, Morte ou Dor, tornam-se ainda mais essenciais à linguagem, a uma consciência plena de ser. Assim, é mais seguro seguir o caminho e menos penosa a espera, o intervalo, a luta, a possibilidade ou o instante doravante sempre iminente. Morre-se demasiado tarde, vive-se à espera das pequenas mortes como um acidente que vem sempre de fora. Aprender a morrer, a roubar à morte toda a paixão e a enormidade do seu desastre, é o único gesto-dádiva passível da morte livre: a morte não se toma, nem se dá – só podemos dar-nos a morte. Este é o meu único gesto-dádiva que implica em mim uma resposta e uma dívida de extrema responsabilidade. A escrita é um dos lugares aonde podemos ir aprender a morrer. Cada um aprende a silenciar-se e a suspender, a ser-se pedra, amigo da poeira – nómada, a despedida muda o mundo, muda a morte. Na zona de passagem ocupada pela morte nada é meu, salto para onde? A alameda de luzes percorrida pelo viajante vai em direção a uma festa ao crepúsculo. Na sua relação com a morte, o vestígio incorpóreo condu-lo a um modo de ser que faz de cada um de nós um igual. O pó, a terra, a pedra – seres luminosos que pousam em vez de partirem – ‘persiste o espanto, como se começasse agora a viver, pois tudo muda, e só agora eu sou, só agora, por fim, na morte.’ (Hölderlin).

Sobrevivo de pé até à última noite do mundo. Escrevo com o corpo suspenso, suspenso num afundamento, lugar onde o meu próprio eu se apaga. A suspensão é um afundamento que sabe que regrediu até ao ponto em que a leveza vem à tona em toda a sua luz e cor. O elemento líquido da morte é o que faz florir a flor e que a natureza acolhe como um mergulho final, livre, onde até os machados dão flor. Do lado de lá da Dor, o silêncio crecente, onde as canções que escrevo não têm som. A única música é a de um fim que é recomeço, determinante ao abrir ou ao fechar o espaço da ausência para que morrer seja presente. Na Morte há uma ‘sageza da espera’ que, por ser uma raiz, ‘floresce quando quer, quando menos se espera’ (Paul Celan). E a fala é o gesto. É preciso que todas as formas se degradem para que o poema aconteça, e que a montanhosa Dor se transforme em escola. A montanha é uma escola de resistência e de preparação para a travessia lenta, ou sem retorno. A luz que a Morte incide no seu jardim pode ser um ato de amor. Implacável, ela é, afinal, capaz de alegria, fonte de mútuo entendimento, dela e meu.

Desce sobre mim a terceira asa do tempo, a reaprendizagem da lentidão, do tempo da experiência, essencial à ideia do desaparecimento. A morte-metamorfose contém uma transparência crua, pétrea, fundida na lâmina que o meu olhar enfrenta, decisiva no instante da minha própria morte. Somos um corpo de escrita que sobrevoa o tombo e a queda, o pensar debruçado sobre a morte, em que tudo se aclara, incógnito, ao partir. ‘Eu sou aquele que escreve e é escrito’ (Edmond Jabès), um corpo que vai respirando entre o hiato insondável. Como morrer pelo meio? Página a página, naquela que estiver aberta, faço regressar o recalcado, o diálogo com o fantasma, escrevo para o conhecer e dominar. Mas a luta pelo prazer de sentir o domínio é só a espera pela mudez que unifique todos os meus fragmentos. A minha grande recusa em morrer é a própria totalidade que sempre começa, incessante, intrusa, impostora. Há uma distância de anos luz que separa o dentro do fora, de qual lado é o contratempo? Cismo na ignorância do tempo, perguntando-me e imaginando morrer em contra-tempo, na grande festa dos sem pressa. Mas morre-se muito mal. A compulsiva demora de morrer, a morte a prazo, o limite gratuito, a civilização da técnica, o imortal. E nas origens, o esquecimento de que a morte está na boca, do fulgor de passarmos para a outra margem do lago – belo de mais para morrer. ‘Não morre o que é belo de mais para morrer’ (Gabriela Llansol), nem os amantes, nem as canções, nem o silêncio. A escrita leva-me para a morte, como o viajante que suporta uma parte perdida, mas recuperável, de nós próprios. Essa é a Dor originária. Esse é o lugar do sacrifício, no qual, livremente, podemos dizer ‘estou bem’ – é João Barrento quem o diz – ‘somos para a morte. O resto é lastro, pesado ou leve, do que chamamos vida.’

10. Fotografias da montagem e inauguração da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria, Espaço T, Rua de Vilar 54, Porto



Montagem da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria





Montagem da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria



Montagem da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria





Montagem da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria



Dezessete (16 rosas e cravos vermelhos + chave). Instalação artística de Ricard Huerta na exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria

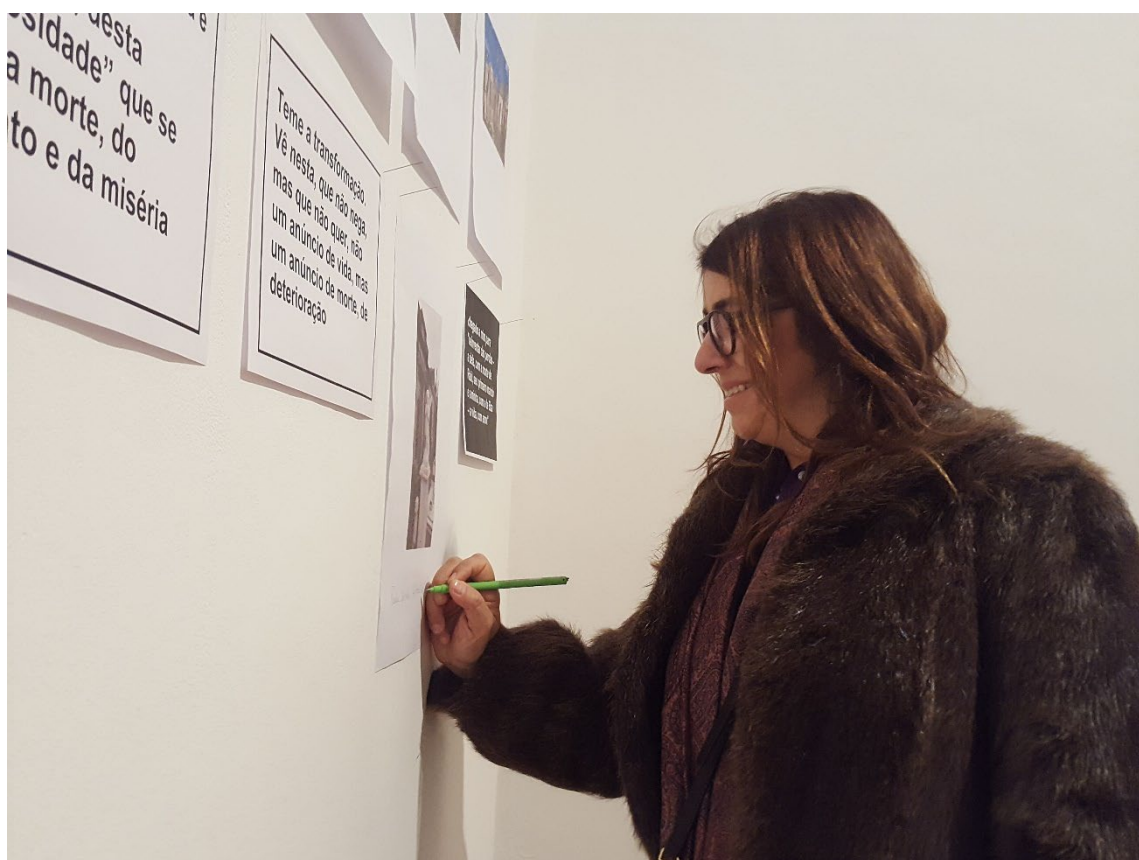


Montagem da exposição “Cemitério Paulo Freire” na Quase Galeria









11. Fotografias e comentários de alunos e professores participantes

As flores da Cruz

Afonso Santos

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. O autor da fotografia possui 4 anos de idade.



Figura 66. *As flores da Cruz*. Afonso Santos

Anjo

Maria Amélia da Costa Lopes

Cemitério de Pedroso, Vilanova de Gaia

Gosto e parece-me diferente. O anjo é protagonista...

Muito importante. Tomamos consciência de que precisamos de falar mais da nossa relação com a morte. A imagem reclama isso.



Figura 67. *Anjo*. Maria Amélia da Costa Lopes

A Cruz

Ana Dahl

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. A Autora da fotografia possui 7 anos de idade.



Figura 68. *A Cruz*. Ana Dahl

Sem Título

Ana Rita Santos Ferreira Tavares Ramos

Cemitério de Agramonte, Porto

O contraste entre o cemitério e a cidade, o branco e o preto da estátua e o a flora e a falta dela. O projeto reforçou a ideia de que mesmo na morte, os indivíduos deixam um legado tangível que pode ser explorado, apreciado e lembrado através da exploração artística e da investigação educacional.



Figura 69. *Sem Título*. Ana Rita Santos Ferreira Tavares Ramos

Laboratório da Memória

Ana Teresa Pollo Mendonça

Cemitério de Agramonte, Porto

Esta imagem foi feita em 2015, na última visita da minha mãe ao Porto para me visitar antes do seu falecimento. Hoje, seu corpo repousa no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, Brasil. Ao assistir a conferência do professor Ricard Huerta na FPCEUP, foi impossível não me lembrar desse dia. O motivo pelo qual fiz essa imagem exatamente não me recordo, mas ela me lembra um móvel cheio de gavetas, que me remete aos antigos gabinetes de curiosidade, e resolvi nomeá-la "Laboratório da Memória", pelas histórias que estão contidas ali, de cada ente familiar sepultado.

Sempre gostei de visitar cemitérios. Trabalho como formadora de professores para a Fundação Roberto Marinho e durante mais de 15 anos, viajando pelo país, sempre tive curiosidade em conhecer os cemitérios de cada cidade ou comunidade ribeirinha que visitava, principalmente das pequenas localidades, onde algum morador sempre nos contava um "causo" sobre alguma pessoa ali enterrada. Para mim, são "Laboratórios da Memória" porque, além de Doutora em Ciências da Educação pela FPCEUP, sou também Mestre em História Social da Cultura, pela PUC/Rio, e acredito que cada mausoléu, túmulo ou lápide pode nos suscitar uma investigação social, ou imaginar uma história que nos faz criar um vínculo afetivo com alguém que, a não ser nossos familiares ou nomes importantes, não conhecemos em vida.



Figura 70. *Laboratório da Memória*. Ana Teresa Pollo Mendonça.

Estar lá sem estar

André Freitas

Cemitério de Paranhos, Porto

A aproximação ao cemitério indica, antes de lá se entrar, mais do que as suas formas, revela as suas sombras. O que é uma sombra de um cemitério?

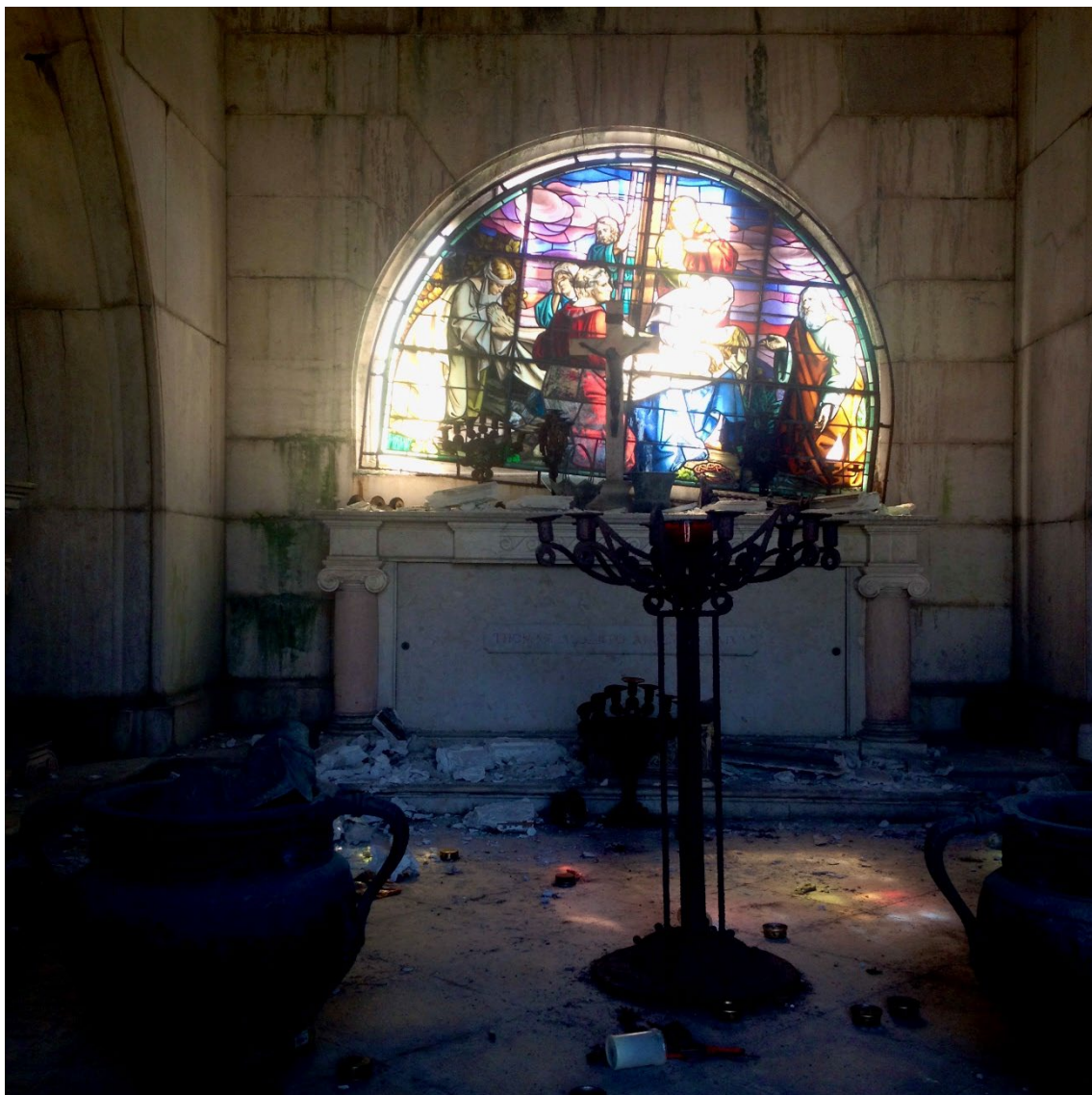


Figura 71. *Estar lá sem estar*. André Freitas.

S/título

António Fernando Monteiro Pereira da Silva

Cemitério de Agramonte, Porto

Figura 72. *S/título*. António Fernando Monteiro Pereira da Silva.

O grande portal

Benedita Pires

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. A autora da fotografia possui 7 anos de idade.



Figura 73. *O grande portal*. Benedita Pires.

Esquecidas à Vista

M^a Carolina Ribeiro Coelho de Sousa

Cemitério de Agramonte, Porto

Talvez por serem crianças. Não deviam ser as únicas, certamente, mas estavam ali, tão visíveis, expostas e desordenadas.



Figura 74. *Esquecidas à Vista*. M^a Carolina Ribeiro Coelho de Sousa.

O Anjo Materno

Cláudia Carvalho Amador

Cemitério de Agramonte, Porto

A forma como podemos prestar homenagem a uma criança que morreu através de um anjo, feminino, que irá olhar por ela.



Figura 75. *O Anjo Materno*. Cláudia Carvalho Amador.

Desigualdades na eternidade

Cosmin Nada

Cemitério Prado do Repouso, Porto

Fiquei muito surpreendido com a grandeza deste túmulo, o que me fez pensar nas desigualdades na vida e mesmo na morte que marcam a nossa sociedade.



Figura 76. *Desigualdades na eternidade*. Cosmin Nada.

Última gota

David Miguel Guerreiro Pessanha

Cemitério de Agramonte, Porto

A fotografia permitiu-me explorar a interseção entre o efêmero e o eterno. A ideia de explorar locais normalmente associados à tristeza e ao luto parecia desafiadora, mas, ao longo do projeto, descobri uma beleza e uma narrativa única dentro desses espaços silenciosos.



Figura 77. *Última gota*. David Miguel Guerreiro Pessanha.

Escombros vivos

Eunice Macedo

Cemitério de Agramonte, Porto

Trata-se de um monumento às vítimas do incêndio do Teatro Baquet em 1888. Para além da ode à resistência e à vida, que vejo aí representada, o balde negro no canto esquerdo lembra-nos que a vida continua, mesmo que seja pela homenagem aos mortos. Adorei o desfaio. Parece-me uma iniciativa fantástica.



Figura 78. *Escombros vivos*. Eunice Macedo.

“parafraseando ‘pesos da história’...”

Maria de Fátima Lambert

Cemitério da Ordem da Lapa, Porto

Fotografia feita quando de ida a Cemitério da Ordem da Lapa com familiares por ocasião do dia 1 de novembro 2022 (dia de finados).

O projeto é relevante, proporcionando abordagens interdisciplinares, contribuindo para articulação de redes, contatos entre investigadores e estudantes de diferentes georreferenciações.



Figura 79. *“parafraseando ‘pesos da história’...”*. Maria de Fátima Lambert.

Flores em linha

Filipe Teixeira

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. O autor da fotografia possui 7 anos de idade.



Figura 80. *Flores em linha*. Filipe Teixeira.

O símbolo

Francisco Teixeira

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. O autor da fotografia possui 5 anos de idade.

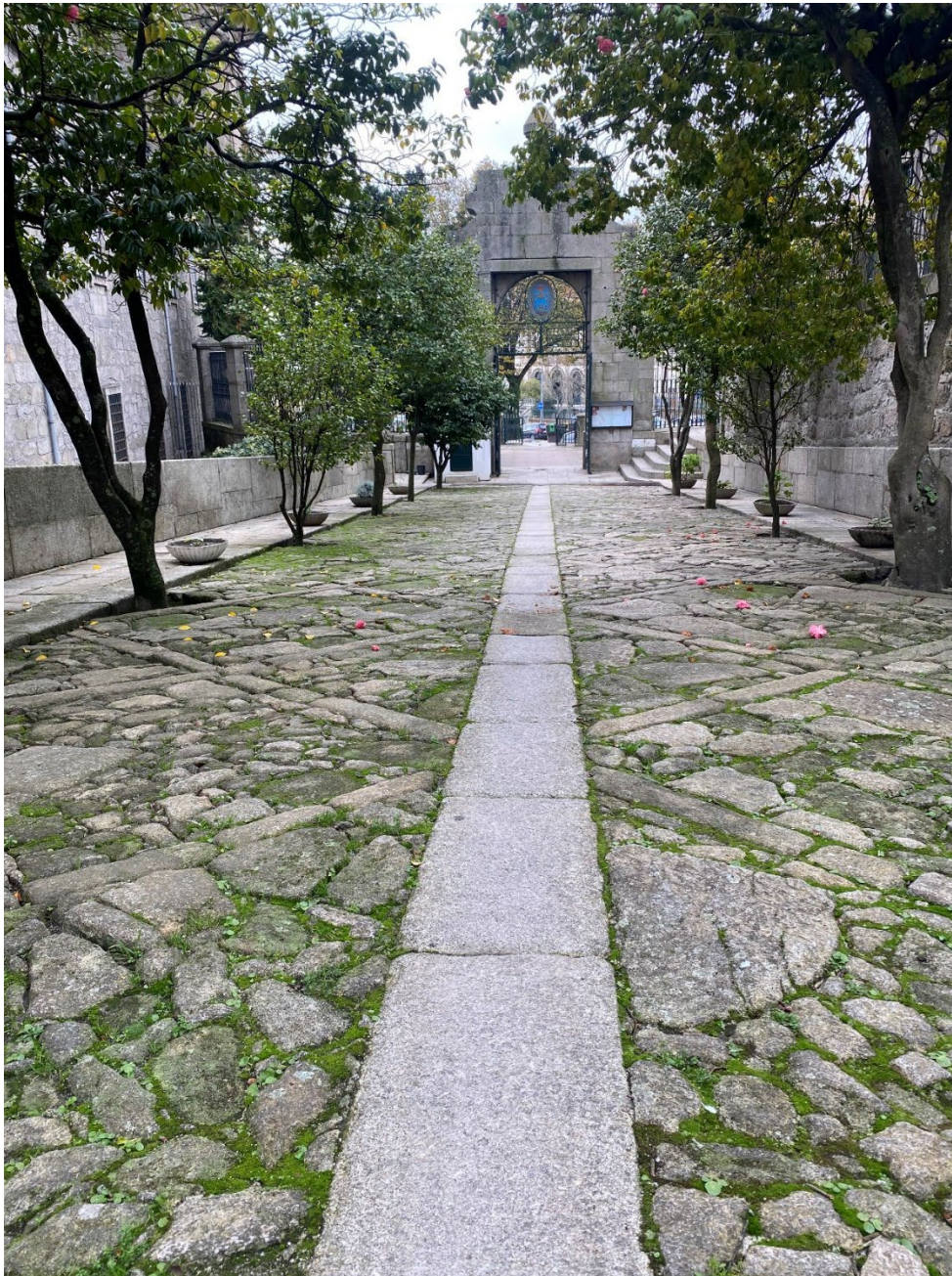


Figura 81. *O símbolo*. Francisco Teixeira.

Se morrer é descansar no paraíso, que não falte a beleza das cores

Helena Maria Cosi

Cemitério da estrada a caminho de Jujuy, Argentina

A alegria transmitida pelas crises enfeitadas com artesanatos.

Olhar o cemitério como um espaço de afirmação da beleza da vida da pessoa. Não apenas de dor e tristeza, mas sempre de alegria pelos momentos e memórias marcantes!



Figura 82. *Se morrer é descansar no paraíso, que não falte a beleza das cores.*

Helena Maria Cosi.

Ossário

Henrique Malheiro Vaz

Cemitério de Arcozelo

A verdadeira última paragem

Figura 83. *Ossário*. Henrique Malheiro Vaz.

Terra: do material para o imaterial

Ilda Cristiana Lima de Sousa

Cemitério do Lumiar

Esta imagem foi concebida pelo meu interesse neste espaço, algo minimalista, que expressa a essência da transição da materialidade para o imaterial. A terra, como base da composição, é um lugar de vida e de fertilidade, onde repousam as histórias de inúmeras vidas. A placa de identificação atua como uma ligação entre os vivos e aqueles que já se foram, uma marca tangível que identifica e nos recorda daqueles que já partiram. O colar de pérolas, um objeto que em vida adornou quem ali foi depositado e que adiciona uma dimensão material às memórias.



Figura 84. *Terra: do material para o imaterial*. Ilda Cristiana Lima de Sousa.

Desígnios

Iolanda Maria de Sousa Oliveira e Nunes Moutinho

Cemitério Municipal de Leça da Palmeira

Esta imagem representa um jazigo de família. Em agosto deste ano, sofremos a perda de dois entes queridos: o meu avô e o meu pai. O meu avô adorava fotografia e sempre que viajava, lá levava com ele uma pequena máquina fotográfica, ou mais recentemente, o seu telemóvel. Contemplava, compunha, criava, sem saber, divertindo-se. O meu pai era fotógrafo. Dentre todas as suas visões captadas meticulosamente, as mais marcantes são aquelas em que ele me levou com ele em longos passeios de madrugada, estrada fora. Este pequeno contributo, é então motivado pela vontade de os homenagear, tentando fazer jus aos seus olhares.



Figura 85. *Desígnios*. Iolanda Maria de Sousa Oliveira e Nunes Moutinho.

Santa Bárbara vê

Joana Melo Rocha

Cemitério de Meijinhos

Queria fotografar o cemitério de Meijinhos por ser um pequeno cemitério numa aldeia no interior de Portugal. Localizado no topo de uma montanha, apenas ladeado por uma pequena igreja românica, o cemitério tem várias esculturas iguais e normalizadas, que se recortam contra o céu e o monte de Santa Bárbara.

Santa Bárbara

tantos dias em que entramos e saímos
nestas velhas paredes de granito,
vindos de passeios em que apanhamos amoras,
roubamos maçãs e colhemos flores.
ou banhos povoados de pequenos peixes
e sereias que conheço bem.
às vezes, pegamos no carro
e seguimos na estrada da História
século treze, século quinze,
os frescos de Nasoni na Sé.
à noite as aldeias dançam
canções que não são as minhas.
as luzes sempre a tremer nos meus olhos,
as pessoas que falam na mistura das línguas
e as estrelas cadentes que adicionamos
todos os dias à memória.
tudo isto Santa Bárbara vê.
está na orla de todas coisas.



Figura 87. *Santa Bárbara* vê. Joana Melo Rocha.

Vis-à-vis

José Pedro de Galhano Tenreiro

Cemitério do Prado do Repouso, Porto

O confronto de dois tempos, o contraste entre dois mundos, o da morte e o da vida alegoricamente metaforizados nas palmeiras ao fundo, o passado e o presente, os jazigos (mais ou menos) esquecidos e os visitantes, pai e filho, face a toda a carga simbólica da morte.



Figura 88. *Vis-à-vis*. José Pedro de Galhano Tenreiro

European Cemeteries Route “Rota Europa de Cemitérios”

Laleh Esteki

Cemitério de Agramonte, Porto

It looked like a monument. It can tell us about the history and cultrure of the family, the city and the country. Although the overall project seemed interesting, I could not be justified with the idea of the cemeteries being an educational site for teenagers and kids.



Figura 89. *European Cemeteries Rout “Rota Europa de Cemitérios”*. Laleh Esteki

Organista

Lucia de Fátima de Medeiros Teves

Cemitério de Ribeirinha, São Miguel, Açores

O texto estar num português arcaico (Século XIX). O amontoado de pedras e o troncos secos. Elementos que parecem simbolizar a conexão do organista com a natureza, a terra e a harmonia da música com o mundo natural; numa simbologia da vida e da sua paixão musical, as pedras empilhadas parecem representar uma espécie de “partitura” musical estilizada, enquanto o tronco seco a passagem do tempo.

Entrar no cemitério no dia de finados, mesmo que seja para apreciar a arte presente, é uma experiência impactante em várias dimensões. Os memoriais repletos de símbolos tão profundos quanto a cultura pessoal e social que moldou suas crenças, seja no aspecto cultural, artístico ou religioso denotam a conexão entre a vida e a morte. Essa experiência despertou em mim um sentimento de solenidade em relação à vida e à sua efemeridade, e como o podemos mobilizar, de múltiplas formas, para a arte.

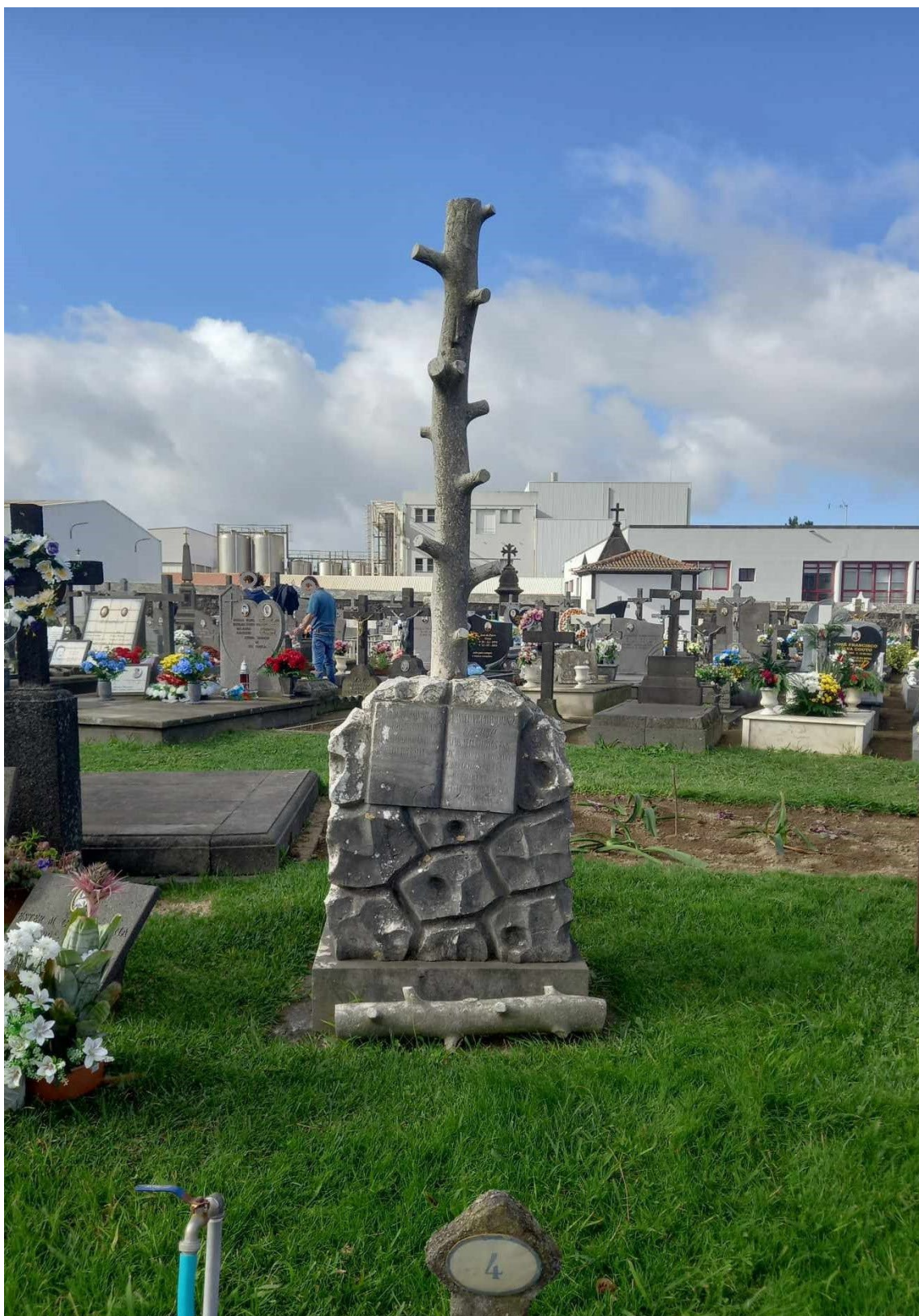


Figura 90. *Organista*. Lucia de Fátima de Medeiros Teves

Desígnios

Marlene Oliveira

Iolanda Maria de Sousa Oliveira e Nunes Moutinho

Cemitério Municipal de Leça da Palmeira

Esta imagem representa um jazigo de família. Em agosto deste ano, sofremos a perda de dois entes queridos: o meu avô e o meu pai. O meu avô adorava fotografia e sempre que viajava, lá levava com ele uma pequena máquina fotográfica, ou mais recentemente, o seu telemóvel. Contemplava, compunha, criava, sem saber, divertindo-se. O meu pai era fotógrafo. Dentre todas as suas visões captadas meticulosamente, as mais marcantes são aquelas em que ele me levou com ele em longos passeios de madrugada, estrada fora. Este pequeno contributo, é então motivado pela vontade de os homenagear, tentando fazer jus aos seus olhares.



Figura 91. *Designios*. Marlene Oliveira.

Centralidade

Martinha Maria Tedim Maia

Cemitério São Mamede do Coronado, Trofa

Quase todas as entradas dos pequenos cemitérios do meu conselho, estão apontadas para uma capela tumular, que normalmente será da família detentora de maior estatuto ou poder na Freguesia. For por essa razão que escolhi esta imagem e esta capela, por conhecer a sua centralidade.



Figura 92. *Centralidade*. Martinha Maria Tedim Maia

O Guardiã da Alma

Paula Alexandra P. F. P. Camelo Almeida

Cemitério da Lapa

Esta imagem lembrou-me um filme fantástico, *As asas do desejo*, realizado por Wim Wenders. Neste filme há a seguinte frase, dita por um anjo, que nós fala da relação entre o espírito e o corpo: “É fantástico viver espiritualmente. Dia após dia testemunhar para a eternidade o que há de puro, de espiritual nas pessoas. Mas às vezes farto-me desta eterna existência de espírito. Nessas alturas, gostaria de não pairar eternamente. Gostaria de sentir um peso que anulasse a infinidade e me segurasse à Terra. A cada passo ou a cada golpe de vento gostaria de poder dizer «agora, agora, agora» e não «desde sempre» ou «para sempre».”



Figura 93. *O Guardião da Alma*. Paula Alexandra P. F. P. Camelo Almeida.

A morte é uma flor que uma só vez floresce

Paulo Nogueira

Cemitério de Agramonte, Porto

11 de novembro de 2023, 16h32.

O vulto captado ao fundo pareceu-me, depois, assemelhar-se a um viajante de puro silêncio, mas que vai abrindo, de par em par, as portas de luz de ambos os lados do caminho, à medida que as linhas correm no chão e as coordenadas do tempo - um tempo já só feito de espaços - são unicamente aquelas que ficam para trás.



Figura 94. *A morte é uma flor que uma só vez floresce.* Paulo Nogueira.

Sem Título

Ana Rita Santos Ferreira Tavares Ramos

Cemitério de Agramonte, Porto

O contraste entre o cemitério e a cidade, o branco e o preto da estátua e o a flora e a falta dela. O projeto reforçou a ideia de que mesmo na morte, os indivíduos deixam um legado tangível que pode ser explorado, apreciado e lembrado através da exploração artística e da investigação educacional.



Figura 95. *Sem Título*. Ana Rita Santos Ferreira Tavares Ramos

Observa

Valeria Wiendl

Cemitério de Agramonte, Porto

Pelo aspecto de contemplação e respeito a um futuro que nos é certo.

Nunca visitei, com perspectiva fotográfica, os cemitérios. É uma nova forma de perceber o espaço, sem a dor do momento da despedida.

Figura 96. *Observa*. Valeria Wiendl

Casas de pessoas que já morreram

Maria Francisca Marques

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. A autora da fotografia possui 7 anos de idade e registou a imagem com uma camiseta Polaroid e depois tirou fotografia da foto Polaroid.



Figura 97. *Casas de pessoas que já morreram* . Maria Francisca Marques.

A mão a segurar o portão

Inês Carmim

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. A autora da fotografia possui 7 anos de idade.



Figura 98. *A mão a segurar o portão*. Inês Carmim

O jardim do cemitério

Maria Polido

Cemitério da Lapa, Porto

Fotografia registada no âmbito do projecto Tripeirinhos - Uma Aventura na Cidade do Porto. A autora da fotografia possui 5 anos de idade.



Figura 99. *O jardim do cemitério*. Maria Polido.



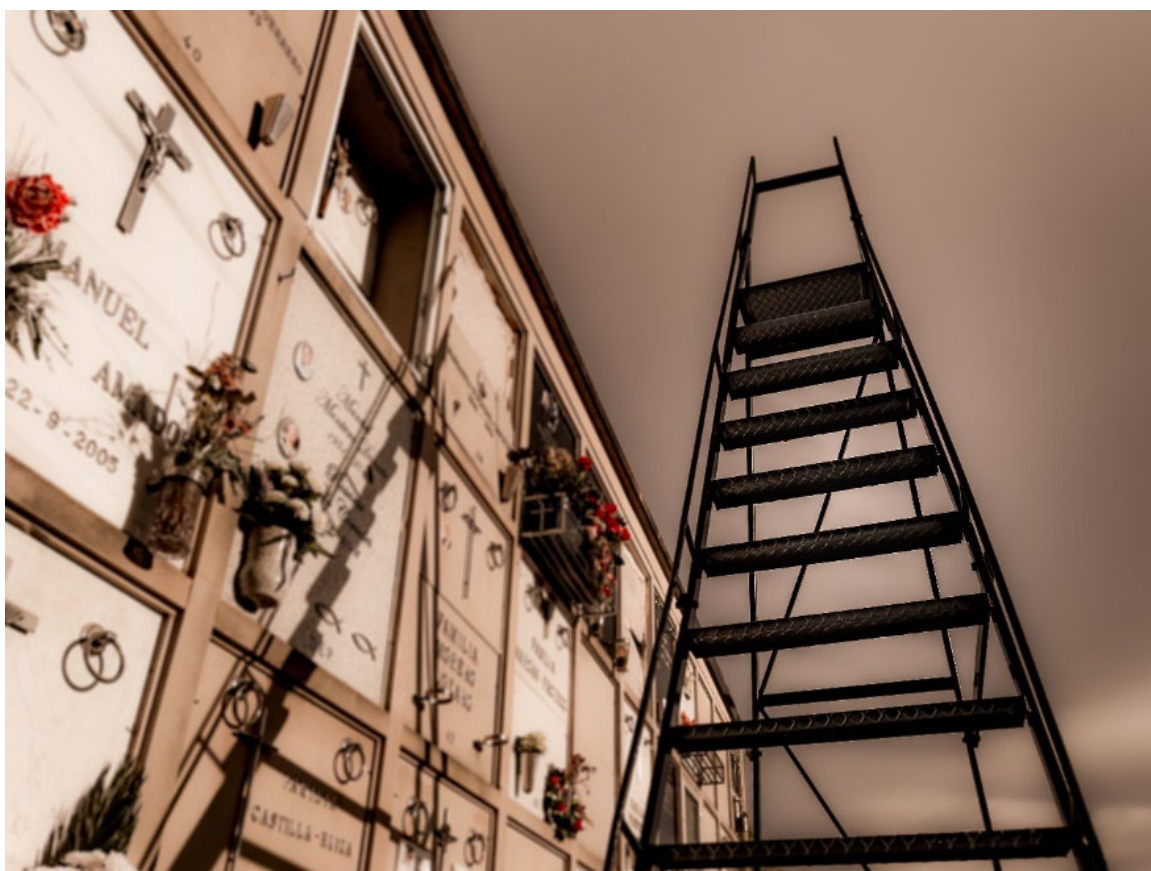
O projeto “Cemitérios” em Palma de Maiorca, Jaén e Bolonha***Cementiri Llull***

Casal Solleric, Palma de Maiorca

O projeto “Cemitérios” teve a sua primeira exposição no Centro de Arte Contemporânea Casal Solleric em Palma de Maiorca. A exposição *Cementiri Llull* pôde ser vista no Centro de Arte Contemporânea Casal Solleric da Câmara Municipal de Palma entre os meses de maio e setembro de 2022. Tem sido um sucesso de público, e tem sido muito atrativa para grupos escolares e diversas associações. cidade, tendo também recebido inúmeras visitas de grupos de toda a ilha de Maiorca, bem como de turistas. As páginas seguintes apresentam uma série de imagens que representam algumas facetas da exposição *Cemeniri Llull* realizada no Casal Soleric.



Panteón familiar no cemitério de Valldemossa (Maiorca). Fotografia de Marta Serrano.



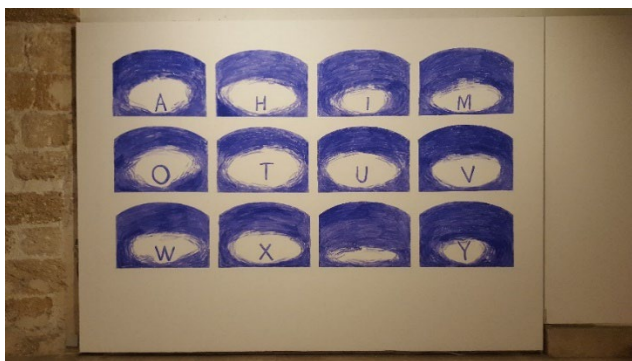
Cemitério de Palma. Maiorca. Fotografias de Antoni Costa Fiol.



Instalação da exposição Cementiri Llull (Casal Solleric, Palma)



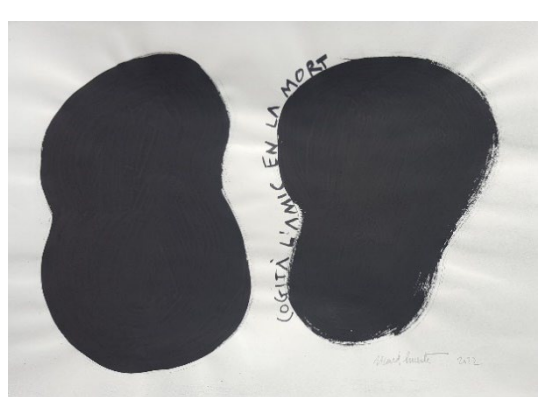
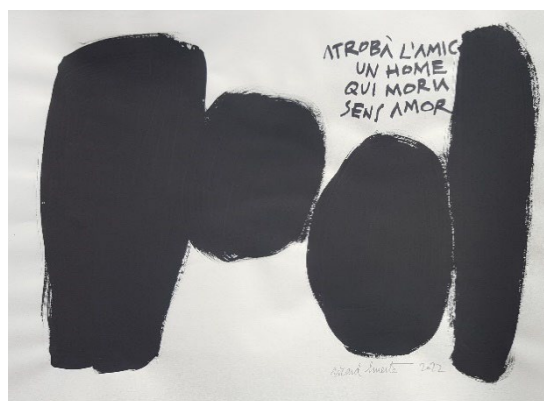
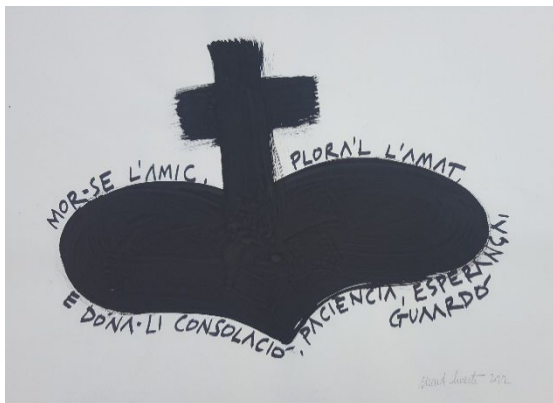
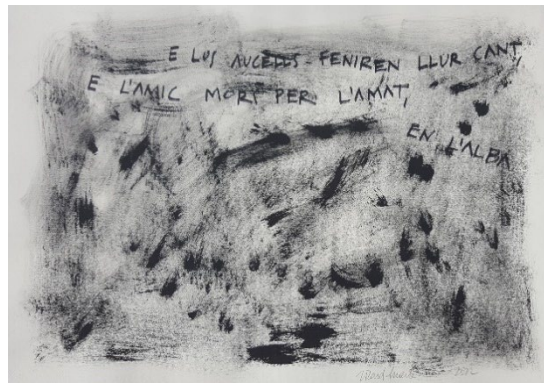
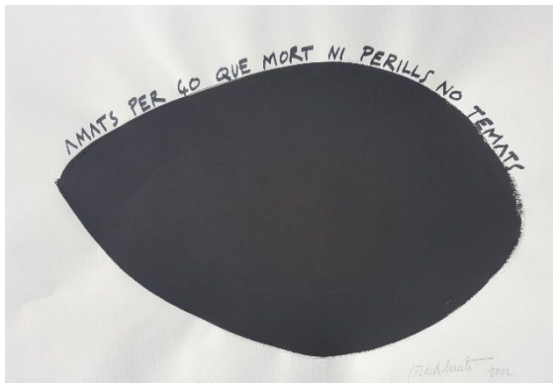
Paredes da exposição Cementiri Lull (Casal Solleric, Palma)



Paredes com obras da exposição Cementiri Llull (Casal Solleric, Palma)



Inauguração da exposição Cementiri Llull em Casal Solleric (Palma)



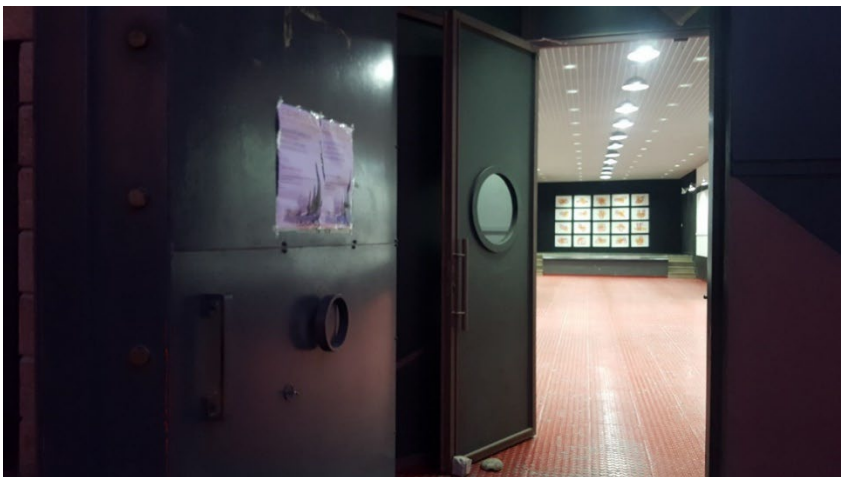
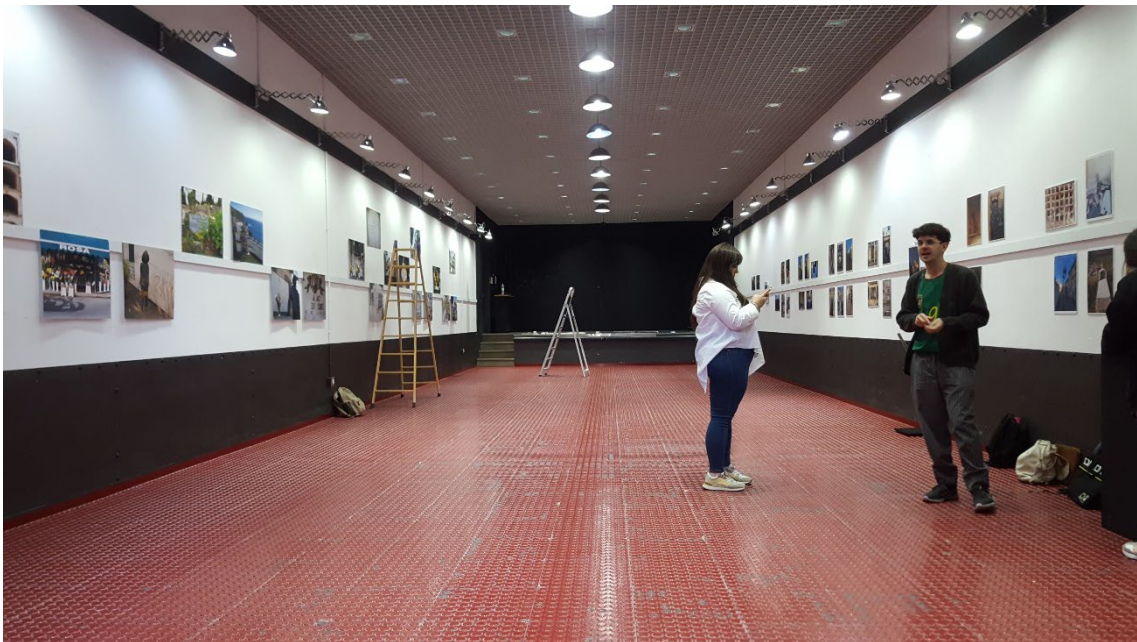
Obras da série “Cementiri Llull” com textos de Ramon Llull sobre a morte.

Cementerio Miguel Hernández

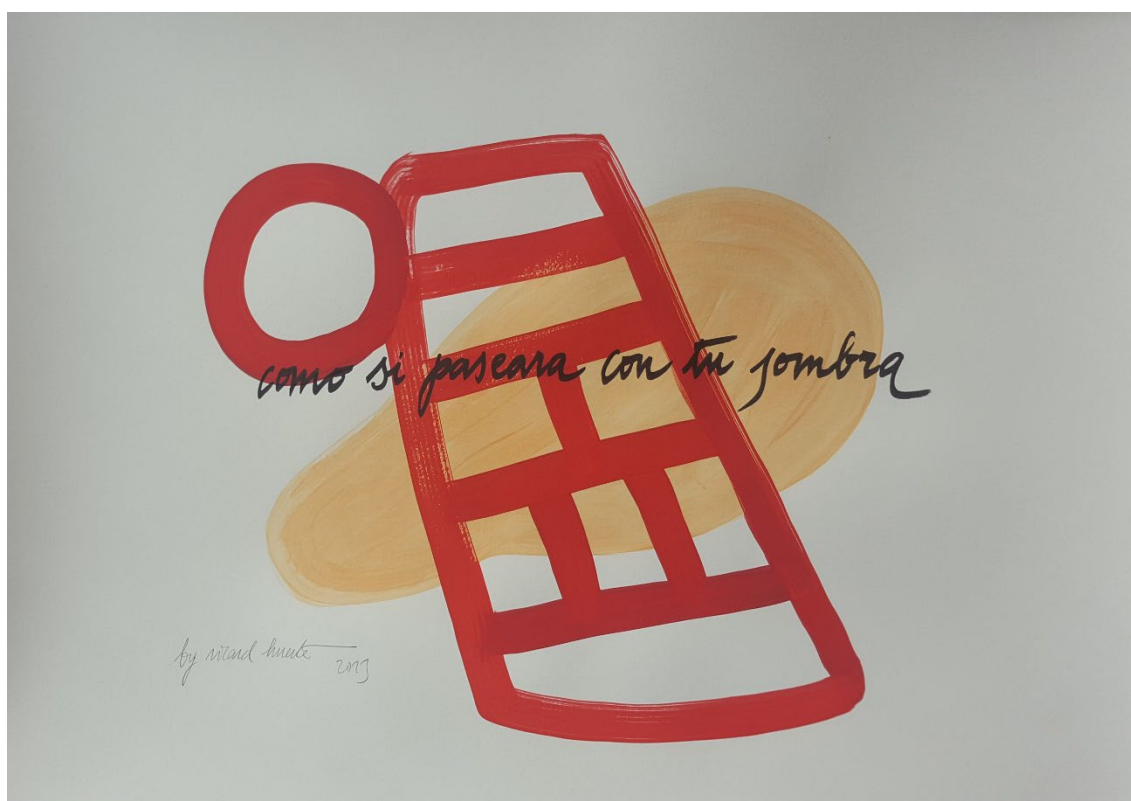
O projeto “Cemitérios” teve uma segunda exposição no Salão de Exposições do Banco de Espanha em Jaén.

A exposição do Cemitério Miguel Hernández pôde ser vista no Salão de Exposições do Banco de Espanha, instalações da Câmara Municipal de Jaén, entre os meses de março e junho de 2023. Mais uma vez um sucesso de público, com a colaboração da Universidade de Jaén e de diversas associações da cidade, tendo também recebido inúmeras visitas de grupos de diferentes grupos.





Instalação da exposição Cemeterio Miguel Hernández (Banco de España, Jaén)

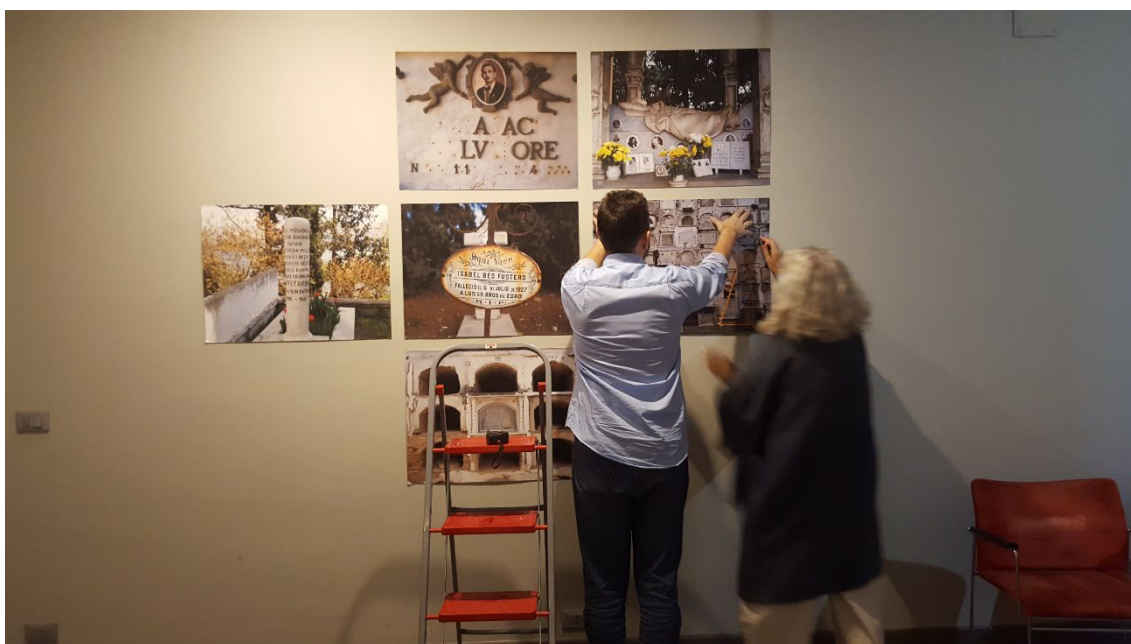


Obras da série “Cementerio Miguel Hernández” com textos de Miguel Hernández sobre a morte.

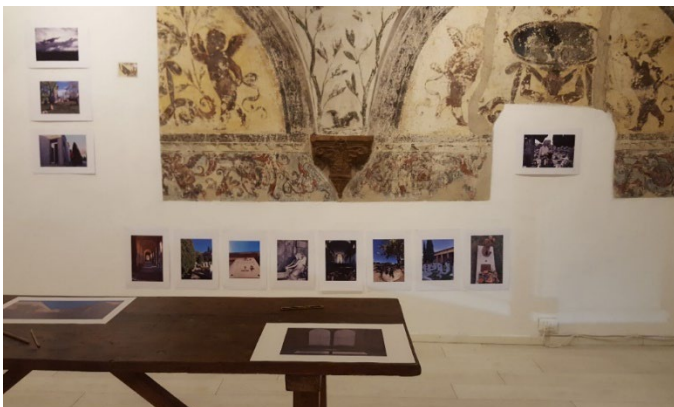
Cimitero Pasolini

O projeto “Cemitérios” teve uma terceira exposição na Galeria Studio Cenacchi de Bolonha.

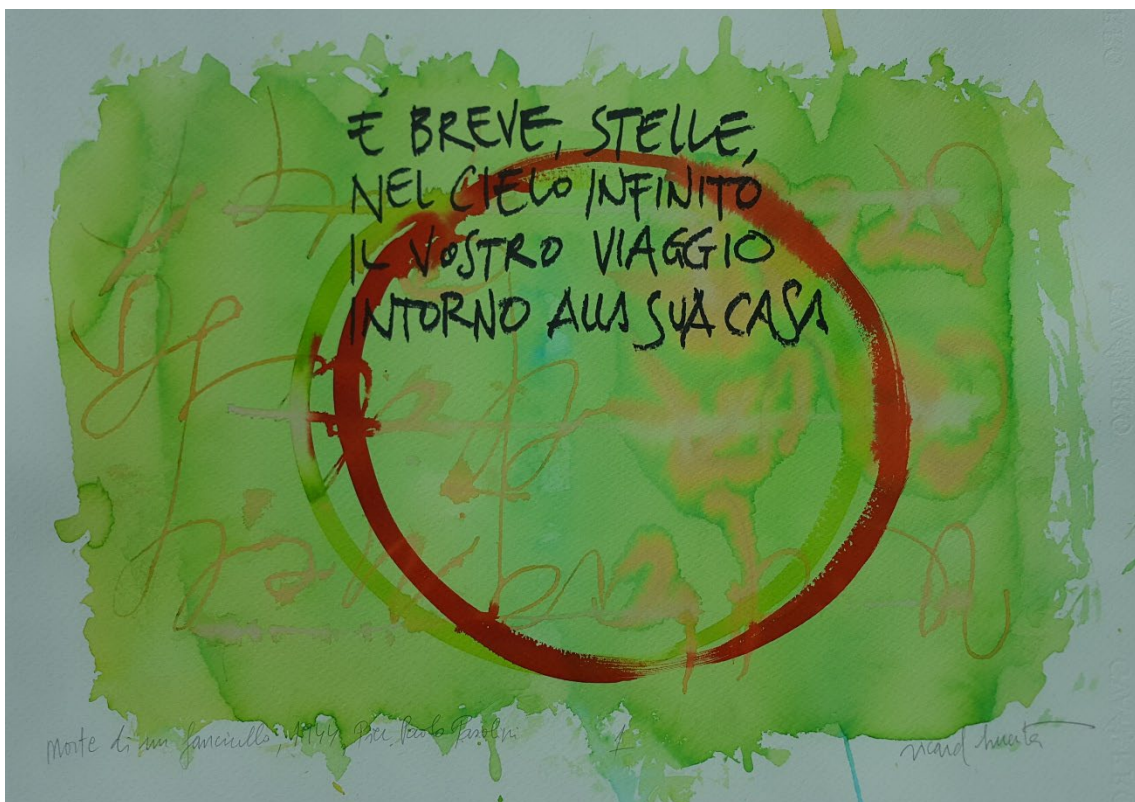
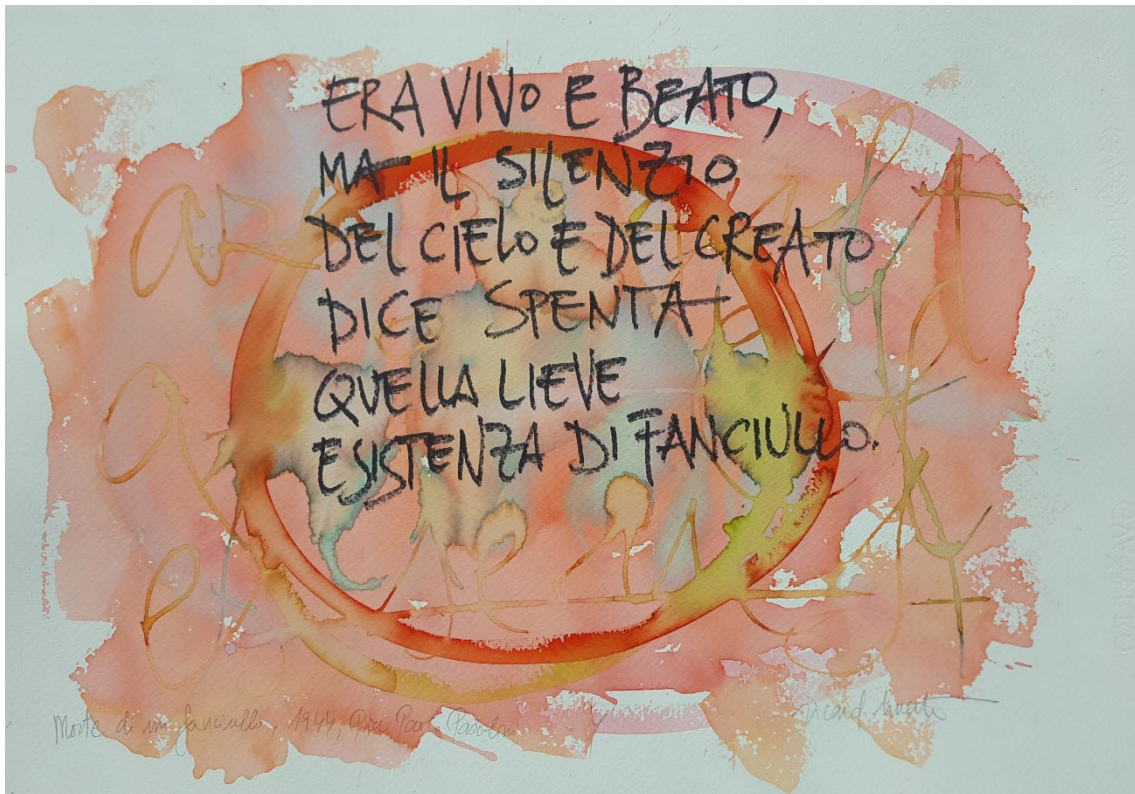
A exposição Cimitero Pasolini pôde ser vista na Galleria Studio Cenacchi da cidade de Bolonha, via Santo Stefano 63, entre os meses de outubro e novembro de 2023. Mais uma vez um sucesso de público, com a colaboração da Universidade de Bolonha e de diversas associações na cidade, tendo também recebido inúmeras visitas de grupos de diferentes grupos. Abaixo está uma seleção de fotografias da amostra.

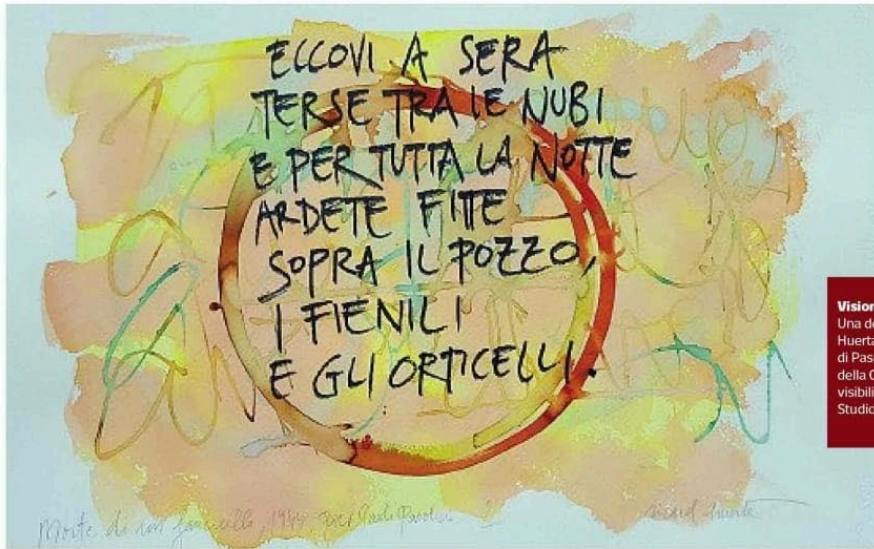










CORRIERE DI BOLOGNAData 20-10-2023
Pagina 13
Foglio 1**Visione**

Una delle opere di Huerta ispirate all'opera di Pasolini e al Cimitero della Certosa. Sono visibili alla Galleria Studio Cenacchi

Tra Certosa e Pasolini

Da sapere

La passione per i cimiteri, «spazi pieni di tranquillità che concepisco come luoghi di rispetto per le generazioni che ci hanno preceduto», ha portato il goenno artista visivo spagnolo Ricard Huerta a sviluppare un progetto dedicato ai cimiteri monumentali e a figure di intellettuali legati alle diverse città dove i cimiteri si trovano.

Huerta, docente all'Università di Valencia, è anche autore del saggio *Cementerios para educar*, del 2021, incentrato sui cimiteri come inesauribili luoghi di memoria, cultura e insegnamento. Dopo la tappa al cimitero di Palma di Maiorca e alla figura del filosofo del Duecento Ramon Llull, Huera è arrivato a Bologna per occuparsi della Certosa e ha scelto come punto di riferimento Pier Paolo Pasolini. Il progetto «Cimitero Pasolini», a cura di Chiara Panciroli, è visitabile sino al 10 novembre presso la Galleria Studio Cenacchi di via Santo Stefano 63.

L'artista spagnolo Huerta espone alla Galleria Cenacchi un progetto dedicato ai cimiteri e agli intellettuali

Il percorso si compone di tre parti complementari. A cominciare dall'azione artistica di Huerta, consistente in oltre una ventina di fotografie scattate all'interno della Certosa, museo a ciclo aperto di Bologna per la sua ricchezza di opere d'arte. Alle quali vanno aggiunte altrettante opere ad acquerello su carta, tratte da una composizione di Pasolini. Ognuna di esse riporta un passaggio della poesia, ma nei colori che fanno da sfondo si possono scorgere segni ed elementi grafici che Huerta disperde nei suoi acquerelli, creando così una sorta di fabula grafico-cromatica. Le opere pittoriche che Huerta espone sono ispirate alla poesia di Pasolini *Morte di un fanciullo*, inserita nella raccolta *Poesie* e dedicata a Giu-

seppe Favret, un bambino morto di congestione a soli 9 anni nell'estate del 1944 a Casarsa della Delizia in Friuli, il paese dell'amata madre Susanna, luogo della memoria e degli affetti per Pasolini, che proprio lì è sepolto.

Il progetto prevede poi un'azione artistica partecipativa, che mira a raccogliere i contributi in particolare di studenti, personale docente e personale di servizio dell'Alma Mater. Invitati a inviare fotografie di un cimitero a loro caro, unitamente a una breve descrizione di esso. Una selezione di queste immagini, stampate su carta, verrà poi esposta in un secondo momento. Infine alcuni interventi online per la diffusione del progetto sul sito del MODe, il Museo Officina dell'Educazione. Uno

spazio museale di natura digitale che raccoglie, cataloga ed espone testimonianze materiali e immateriali, espressioni della cultura educativa. «Un cimitero è una prelibatezza tipografica», spiega Huerta per descrivere uno dei principali motivi della sua attrazione per questi luoghi: «Sebbene esista un immaginario con riferimenti romantici e perfino "kitsch" o "gore" grazie alla tradizione della letteratura, della pittura e del cinema, si può ritornare a questi spazi per analizzare il rapporto tra morte, urbanistica, educazione, sentimento e tradizione. Il potere accattivante dei cimiteri ci consente di introdurre nuove pratiche pedagogiche attraverso elementi rischiosi ma efficaci. Rivendiamo i cimiteri come spazi di memoria storica, luoghi in cui educare ad aspetti come l'arte, la comunicazione, l'estetica e la cultura visiva».

Piero Di Domenico
© RIPRODUZIONE RISERVATA

